

Beija-flor



O mais bello dos
trabalhos drama-
ticos da eminente

**GLORIA
SWANSON**

Super-produccão
da
Paramount-Picture



Edição da

Bibliotheca-FILM

ELEGANCIA
BOM GOSTO
E MODICIDADE

São os requisitos que distinguem os vestidos para Senhoras e Senhorzinhas da casa

"AGUIA DE OURO"

169, OUVIDOR

Não comprem sem visitar as nossas exposições com os preços marcados.

"AGUIA DE OURO"

169, OUVIDOR

— TELEPHONE NORTE 1792 —

Companhia de Seguros Marítimos e Terrestres

CONFIANÇA

FUNDADA EM 1872

RUA S. PEDRO, 33 - SOB.

Capital integralizado 1.000:000\$000

Deposito no thesouro 200:000\$000

Reserva. 633:291\$000

16.000 apolices da Divida Publica

DIRECTORIA: Comm. Jose Antonio da Silva, Dr.
João Pedreira de Couto Ferraz, Dr. Manoel Orlando
do Ferreira.

BENEDETTI-FILM

Rua Tavares Bastos, 153

FILMS EM EXHIBIÇÃO

"A Gigolete", "O dever de amar"

"O SYNCRONISMO DA MUSICA E DO
ECRAN", PREMIADO NO EXPOSIÇÃO
INTERNACIONAL DE 1922

MACHINAS DE COSTURA

Manequins, escalas, tesouras, botões e todas as miudezas para alfaiates

Artigos de armarinho e de costureiras —
Officina de concerto para MACHINAS
DE COSTURA

N. GUIMARÃES & C.

Rua Luiz de Camões, 16 e 18

Telephone 1734 Norte

End. Telg. "ELEGANT" — Codigo "RIBEIRO"
RIO DE JANEIRO

A SAMARITANA

minhas senhoras é a casa que para os vossos bordados, para vossas rendas, os mil enfeites das vossas toilettes, deveis preferir.

18, TRAVESSA DE S. FRANCISCO, 18

COMPANHIA DE LOTERIAS

NACIONAES DO BRASIL

Extracções publicas, sob a fiscalização do Governo Federal, ás 2 h2 e aos sabbados ás 3 horas

Rua Visconde de Itaborahy, 67

— e —

1º de Março, 110 (Edificio proprio)

Segunda-feira, 11 — 20:000\$000

Inteiro 1\$600 — Meio \$800

Terça-feira, 12 — 20:000\$000

Inteiro 1\$600 — Meio \$800

Quinta-feira, 14 — 20:000\$000

Inteiro 1\$600 — Meio \$800

Sexta-feira, 15 — 20:000\$000

Inteiro 1\$600 — Meio \$800

Sabbado, 16 — 100:000\$000

Inteiro 15\$000 — Decimo 1\$600

BIBLIOTHECA



FILM

(Titulo registrado)

*Revista trimensal de grandes
enredos dos films a se exhibir
no Brasil*



10 DE MAIO DE 1925

NUMERO 3

RIO DE JANEIRO

I ANNO



PREÇOS

AVULSO

No Rio 600 réis
Nos Estados . . . 700 "

ASSIGNATURAS

Série de 24 numeros

No Rio 16\$000
Nos Estados 19\$000

A' VENDA EM TODOS OS PONTOS DE VENDA DE JOR-
— NAES E NOS CINEMAS ONDE SE EXHIBE O FILM —

Redacção e —
Administração: **R. Theophilo Ottoni, 67=1° — Rio de Janeiro**
Tel. N. 7101

A D A M A S T O R

COMPANHIA DE SEGUROS LUSO-SUL AMERICANA

SÊDE EM LISBOA

Capital realizado no Brasil 1.000:000\$000
Deposito no Thesouro Federal. 200:000\$000

Representantes geraes

MAGALHÃES & C.

51, Rua Primeiro de Março, 51

Telephone N. 5634

RIO DE JANEIRO

Agencias em : São Paulo : R. Magalhães & C. — Bahia : Magalhães & C. — Pará : Steiner & C.

SEDAS

Seda lavavel, todas as côres larg. 60 c , metro.....	4\$500
Seda lavavel, todas as côres, larg. 100 c , metro.....	8\$400
Palha de seda, larg. 90 c , metro...	10\$000
Crepe da China, encorpado, todas as côres, larg. 100 c , metro.....	14\$000
Liberty de seda, todas as côres, larg. 100 c , metro.....	14\$000
Setim Charmeuse, todas as côres, larg. 100 c , metro.....	14\$000
Foulard de seda, grande variedade, larg. 100 c , metro.....	15\$000
Crepe Frisson, todas as côres, larg. 100 c , metro.....	17\$500
Taffetà de seda. (Francez). larg. 100 c , metro.....	18\$000
Crepon de seda, todas as côres, larg. 100 c , metro.....	18\$000
Crépe Cloquet, todas as côres, larg. 100 c , metro.....	18\$000
Crepe Marrocaïn, côr lisa, todas as côres, larg. 100.....	18\$000
Crepe Marrocaïn, fantasia (grande variedade), larg. 100 c , metro...	18\$000
Charmeuse Lyon, todas as côres, larg. 100 c , metro.....	28\$000
Lamé de seda (Francez). grande variedade), larg. 100 c , metro...	28\$000

CAMA E MESA

Atoalhado, larg. 1m,50, metro.....	5\$200
Guardanapos (grandes). duzia.....	10\$500
Guardanapos (para chá). duzia....	3\$000
Panno felpudo, branco e de côr, larg. 1m,50, metro.....	10\$000
Toalhas para rosto, tres por.....	6\$000
Toalhas para rosto, (Alagoanas), tres	9\$000
Toalhas para banho. (Alagoanas), tres por.....	27\$000
Toalhas pequenas, duzia.....	5\$500
Colchas de tricot para casal, uma..	28\$000
Toalhas para mesa, com florões, uma.....	25\$000
Tapetes (superior qualidade), um..	12\$000
Morim lavado, peça com 10 metros	16\$500
Morim Cretone, superior qualidade larg. 90 c., peça.....	42\$000
Filó inglez para cortinado larg. 4m,60, metro	12\$500

GRANDE VENDA DE SALDOS DE BALANÇO E RETALHOS DE SEDAS E TECIDOS FINOS

(Vendas por atacado e a varejo)

na **CASA PACHECO**

RUA URUGUAYANA, 158 e 160

(Esquina da Rua da Alfandega)

Telephone Norte 1244

BEIJA-FLOR

O mais bello e emocionante
— trabalho dramatico de —

GLORIA SWANSON

Super-produccão Paramount



Toinette, o "Beija-flôr"	GLORIA SWANSON
La Roche, inspector de policia.	Mario Majeroni
Raul Carey.	Edward Burns
Fanchette.	Adriene Ambricourt
Fapá Jacques.	William Riccardi
Zizi, apache.	Jacques d'Auray
Bosque, apache.	Aurelio Coccia
Henriette Ford.	Helen Lindroth
Beatriz Cummings	Regina Quinn

O Beija-flôr

(Super-produção da Paramount-Picture)



GRANDE era o movimento, áquella hora, nos cafés característicos do ruído e pittoresco bairro de Montmartre, em Paris. Pelas mesas que enchiam os passeios, um sem numero de estrangeiros e os parisienses do lendario bairro bebiam e conversavam, ouvindo musica e gosando esse ar da cidade maravilhosa, que é a eterna seductora do mundo civilizado. Falavam-se, pelas mesas, todas as linguas, e no "trottoir" cruzavam mulheres formosas e, ao mesmo tempo, quantos desoladores typos femininos tinham descido até ao ultimo degráo do vicio. Montmartre é, simultaneamente, um bairro de seductora graça typica e um recanto onde se aninha a fina flor dos malfeitores, vivendo nas tabernas e botequins dos sub-solos.

Por uma calçada escusa do lendario bairro descia aos cafés, nessa tarde, um grupo curioso e nada inspirador de confiança. Eram tres figuras bizarras, dizendo ao longe a classe a que pertenciam e a vida que levavam. O primeiro, que antes de entrar na calçada espreitou que por ali não andasse algum policia impertinente, era um apache que sobraçava um pandeiro e segurava atrevidamente, ao canto da bocca, uma ponta de cigarro. Os outros que se lhe seguiam, um levava um *harmonium* e o outro um violão. Eram os apaches Zizi e Bosque.

Ao contrario do que, á primeira vista, se poderia pensar, o primeiro apache, o do pandeiro, não era do sexo forte. Sob aquellas roupas de homem, escondia-se a alma mais travessa de rapariga, uma *detraquée* que tinha um coração de ouro. Era Toinette, que, quando envergava as roupas de

apache, se transformava numa lendaria figura de aventureiro, que o bairro e a policia conheciam pela alcunha de "Beija-Flor". Não havia audacia que não praticasse nem gesto de bondade que os seus companheiros não lhe conseguissem despertar. Agil no roubo e nas mais perigosas aventuras, o seu coração delicado, coração duma infinita bondade, commovia-se com a menor desgraça dos que a rodeavam. Era o idolo do mundo infame em que vivia. E a adoração que por ella sentiam vinha da coragem indomavel de que dava sempre prova em todos os momentos de risco e, mais ainda, da ternura com que tratava as miseraveis creaturas com quem vivia.

"Beija-flor" com Zizi e Bosque resolveram naquella tarde descer aos cafés para colher alguns francos com as suas canções e praticar, se a occasião fosse azada, alguma das suas habituaes proezas de rapinagem. A concorrência naquella tarde era grande e foi productiva a colheita. Uma surpresa desagradavel esperava o audacioso "Beija-Flor": a presença do inspector de policia La Roche, chefe dos *detectives* parisienses, em cujo espirito dominava a preocupação de deitar as mãos ao famoso "Beija-flor", que elle, aliás, não conhecia. As proezas do audacioso apache, de quem todos os dias se occupavam os jornaes, aborreciam-no sobremaneira e elle tinha de lhe pôr um termo, fosse como fosse. Essa intenção o trouxera ali, ao coração de Montmartre, na esperança de apanhar "Beija-flor" e livrar para sempre Paris das suas arrojadas patifarias.

"Beija-flor" não ficou nada satisfeito ao vel-o sentado a uma das mesas do café. Emquanto dansava, tocando o seu pandeiro, segredou a Zizi e a Bosque a descoberta:

— "La Roche!"

Mas era tanta a coragem daquella atrevida pequena que, quando estendia o seu pandeiro, fazendo a colheita dos *sous*, se atreveu a approximar-se de La Roche e pedir-lhe alguma cousa para elle e seus companheiros. La Roche, aborrecido, mal sabendo que tinha ali mesmo aquelle a quem procurava, ordenou-lhe que se retirasse. E "Beija-flor", sempre atrevido, sempre audacioso, fez uma momice, deu uma pirueta, e foi estender o pandeiro esmolante para outras mesas.

A uma dellas encontrava-se sentado um par exotico e que se fazia notar pelas suas attitudes. Ella, uma senhora já de avançada idade, mas ridiculamente *coquette*, cheia de joias e de laçarotes; elle, novo ainda, mas com um *facies* de vicio e um olhar de desequilibrado. Não obstante a

repente, estacou, os olhos fixos nos pulsos da velhota, que lhe dera uma moeda. Que riquissimas pulseiras! Que formosos brilhantes! Pela cabeça de Toinette passou como que uma vertigem. Aquellas joias deslumbrantes tinham de ser della. Uma, pelo menos, aquella pulseira de brilhantes, tentava-a. Ia entrar de novo em scena o famoso "Beija-flor".

Avisados os companheiros, "Beija-flor" foi esconder-se por detrás dos densos arbustos que se erguiam junto da mesa em que se sentavam o Gasparsinho e a sua velhota. Era um ponto admiravel para o genio audacioso da pequena gatuna. "Beija-flor" esperou a occasião propicia. Quando mais terna a velha se mostrava para o Gasparsinho, "Beija-flor" começou a fazer-lhe, com um pequeno arbusto, cocegas nas



Estendia o seu pandeiro, fazendo a colheita dos "sous"

diferença sensível de idades, trocavam manifestações de carinho, balbuciando protestos de amor, ali, deante de toda a gente. Era de um ridiculo atrás. Elle, evidentemente um typo do mais deploravel estof moral, ia correspondendo aos afagos da velhota, um pouco a contragosto; ella, sem consciencia da tristissima figura que estava fazendo, cada vez mais se enternecia com o seu adorado, dizendo-lhe alambicadamente:

— Meu Gasparsinho! estás com ciumes?

E o Gasparsinho, sôrna, num sorriso amarello, correspondia ridiculamente ás manifestações amorosas daquella respeitabilissima carcaça. Era um quadro pittoresco.

Deste par se approximou tambem "Beija-Flor" para pedir, redobrando as mesuras e as piruetas, para se fazer notado. De

pernas. A velha não o podia ver, occulto como estava pelas plantas altas e copadas. Impressionada, coçou a perna demoradamente, mas não tão demoradamente, que "Beija-flor" tivesse tempo de agir. Sem desanimar, repetiu as cocegas. A velha demorou, então, um pouco mais a coçar o ponto da perna em que tocara ao de leve o arbusto, mas fazendo-o distrahidamente, porque toda ella era, nesse momento, blandicia e ternura para o seu Gasparsinho. Foi um rapido instante. "Beija-flor", com uma agilidade extraordinaria, desapertou o fecho da pulseira de brilhantes, que caiu no chão sem ruido, e que elle apanhou e metteu na algibeira.

A amorosa velhota, tanta a rapidez e habilidade com que "Beija-flor" agiu, não deu por cousa alguma. Como se nada tivesse acontecido, continuou a acarinhar o

seu ridiculo Gasparsinho, que, indolente e desdenhoso, correspondia com desprazer áquellas sedigas provas de amor. Mas um momento chegou em que ella, ao passar o braço pelo pescoço do amante, deu pela falta da pulseira. Foi um grito. Ergueram-se sobresaltados. Procuraram no chão, na mesa, por toda a parte. De repente, uma idéa assaltou o cerebro da ridicula velhota: o gatuno fôra o proprio Gasparsinho. Ella conhecia-lhe bem o character. Julgava-o capaz disso e de muito mais. Semelhante a uma fera, ergueu-se para elle furiosa, querendo agatanhal-o e gritando:

— Patife! Devolve-me a minha pulseira!

Todas as pessoas se ergueram nas outras mesas, ouvindo aquelles gritos. A policia correu e La Roche approximou-se.

— Que havia? Que fôra?

Em volta do ridiculo par juntou-se uma verdadeira multidão. A velha, segurando Gasparsinho pelo paletot, continuava gritando que o amante lhe roubara a pulseira de brilhantes. Gasparsinho, a tremer, tomado de surpresa por aquelle escandalo, só sabia dizer:

— Esta mulher está doida! Eu não roubei coisa alguma!

Mas a velha não se convenciu. Queria muito ao Gasparsinho, mas queria muito mais á sua pulseira.

— Roubou, sim senhor. Foi elle. Não podia ser mais ninguem!

A policia tomou immediatamente conta do apavorado Gasparsinho. A velha, a chorar, dizia, ao ver o amante nas garras da policia:

— Foi um presente delle no dia dos meus annos, mas quem pagou a conta fui eu!

Era inevitavel, que o infeliz seria mettido na prisão. Já La Roche dêra essa ordem e os policiaes o levavam, quando um silvo agudo, ali bem perto, despertou a attenção geral. Viera detrás do arvored. Todos olharam. Nesse momento surgiu, no mesmo ponto, a cara atrevida, risonha e trocista de “Beija-flor”, que, levantando no ar, para que fosse bem vista, a pulseira de brilhantes, gritou, por entre gargalhadas:

— Senhor inspector! Não separe o Gasparsinho dessa generosa dama!... Fui eu... o “Beija-flor”!

E num pulo, sem dar tempo á mais rapida reflexão de La Roche, desapareceu, fugindo como um raio por entre o arvored.

do. La Roche, succumbido, só exclamou, como de si para si:

— O “Beija-flor”!

Mas logo começou a agir, ordenando aos guardas que perseguissem o audacioso *garracho*, que tão ironicamente se rira da sua perspicacia policial. La Roche ficara, positivamente, em uma situação ridicula. Delle se approximou um jornalista americano, seu conhecido, de nome Raul Carey, que de ha muito se interessava pela acção policial e que pretendia ajudar La Roche na resolução desse caso.

— Ah! Sr. Raul Carey! — disse-lhe La Roche — isto é que se chama roubar nas minhas proprias bochechas!

Raul Carey achou o caso curioso: um frangente ousado, uma creança, trazer a policia de uma grande capital em alvoroço, sem deixar-se tomar nas malhas da rede que inutilmente lhe procuravam lançar. E o seu interesse cresceu com essa nova e retumbante proeza do “Beija-flor”.

Este, a esse tempo, continuava a fugir ás perseguições policiaes, que eram cada vez mais intensas, correndo Toinette o perigo imminente de ser apanhada. Mas na volta duma esquina, nas ruelas escusas e tortuosos de Montmartre, á occulta dos policiaes, tirou apressadamente o casaco e o bonnet e sentou-se na soleira de uma porta, com o casaco do avesso cobrindo as calças de homem. Ninguem diria que não estava ali uma mulher, tanto mais que Toinette apressadamente, desfizera a sua cabelleira, dando-lhe a fórma de cabelleira feminina. Chegaram os policiaes correndo. Vendo aquella mulher ali sentada, lembraram-se de perguntar-lhe se não tinha visto um rapaz correndo naquella direcção. Toinette respondeu affirmativamente com um signal de cabeça e indicou-lhes o caminho que tomára o perseguido. Os policiaes contiuvam na correria, mas voltando-se, por acaso, deram pelo logro: “Beija-flor”, vestindo de novo o casaco, procurou retrogradar, fugindo á sua perseguição. Eis os policiaes de novo em sua perseguição, mais desesperados com aquelle *garracho* que assim conseguia rir-se delles.

Num pulo, “Beija-flor” saltou para o velho muro dum convento antigo e desapareceu. Os policiaes não desistiram. Penetraram tambem na cerca do convento, já agora acompanhados de um detective. Percorreram a cerca, penetraram na igreja. A

superiora do convento veio ao seu encontro. “Que era aquillo?” — “Que pretendiam?”. Explicaram que perseguiam um audacioso gatuno, que ali se refugiara. Depois de uma demorada pesquisa, não houve maneira de encontrarem o terrível “Beija-flor”. Na igreja estava apenas uma velhota a quem interrogaram e que respondeu não ter visto ninguém no templo.

Simplesmente, a velhota era o proprio “Beija-flor”. Os policiaes saíram desanimados. Mais uma vez aquelle ousado garoto lhes escapava das unhas.

Toinette, pulando por uma das baixas janelas da abside da igreja, foi ao pequeno altar da Virgem e de sob a imagem tirou a saia e o chale, que ali costumava occultar, sem que ninguém suspeitasse. Quando os policiaes entraram de roldão, com a freira, no vasto templo, encontraram apenas aquella velhinha, que, de joelhos, rezava piedosamente, deante da imagem da Virgem. Ninguém, por mais perspicaz, poderia descobrir, naquella creatura curvada e tropega, o apache que ha minutos, no café, roubara a pulseira de brilhantes da alambicada amante do Gasparsinho. Com grande desespero dos policiaes e de la Roche, o “Beija-flor” ainda desta vez não fôra pegado.

II

Uma vez definitivamente liberta da perseguição policial, Toinette correu ao café “Le Caveau”, onde se reuniam os seus amigos e onde imperavam, com a sua miséria moral, a velha Fanchette e o papá Jacques.

O café “Le Caveau” era uma dessas muitas alfurjas do bairro de Montmartre, abertas abaixo do nivel das ruas ladeirantas e mal illuminadas, e onde, durante todas as noites, se reunia o *bas-fond* parisiense, o mundo dos *apaches*, cuja vida aventureosa e triste andou por tanto tempo na moda conhecer e apreciar de perto. Occupando uma ampla sala de comunicação para a rua por duas estreitas janelas de vidros embaciados, a porta por onde ali se penetrava abria-se ao de cima de uma pequena escada de alguns poucos degrãos. Era tudo negro e sujo. A fumarada de dezenas de creaturas que horas inteiras fumavam ininterruptamente; o cheiro acre das bebidas; a reunião constante de tanta gente, que não tinha os menores habi-

tos de hygiene, tudo tornava insupportavel aquelle ambiente. Toinette, com a sua



Toinette, o “Beija-flor”

formosa e delicada figura, parecia uma rosa fresca e perfumada vicejando num pantano.

A' adegas ou cafés — que uma e outra coisa era — puzeram o nome característico de “Le Caveau”, e dirigiam-no a tia Fanchette Tournois e o papá Jacques. Fanchette, que não tinha muita idade, envelhecera prematuramente com o abuso do absintho. Desgrenhada, suja, repellente, Fanchette era a protectora dos apaches a encobridora segura dos roubos. O velho papá Jacques, bonacheirão e vagabundo, encontrára, com aquella espelunca, a fórmula de fugir ao castigo da policia, creando-se uma situação de apparencia honesta. Uma, sem duvida, era digna do outro.

Toinette, o adorado “Beija-flor”, era a menina dos seus olhos. Queriam-lhe como a uma filha, sendo tambem os seus inspiradores de proezas e encobridores de roubos. Quando ella entrou, alvoroçada, naquella tarde de aventura, pela porta do café, elles viram logo que, sob o chale, Toinette trazia fruto de *trabalho*. E quando ella poz a brilhar, á luz do gaz, diante dos olhos daquellas duas vis creaturas, as pedras da pulseira roubada, foi uma louca alegria. Papá Jacques quiz logo deitar-lhe a mão, mas Fanchette cortou-lhe essa veleidade, apoderando-se immediatamente da joia. Era ella quem guardava os roubos, escondendo-os em velhas malas na cave que existia debaixo do café. A uma pretendida reacção de papá Jacques, Fanchette replicou com a furia duma alcoolica, que por vezes ia até a aggressão physica:

— Não te mettas com ella! Fui eu quem a eduquei. Toinette pertence-me!

Papá Jacques, como sempre, receioso do genio violento daquella megera, desistiu de se apoderar da formosa joia roubada pelo “Beija-flor”.

Entretanto, na inspectoría de policia passavam-se, por causa dessa joia, scenas interesantissimas. Quando La Roche viu entrar no seu gabinete os guardas e o *detective* sem o “Beija-flor”, ficou possesso. Recriminou os guardas pela sua falta de energia, pela sua impericia. Os pobres policiaes, compromettidos, desculpavam-se como podiam.

— Nós seguimos os outros dois homens até o “Le Caveau”, mas não encontramos esse tal “Beija-flor”.

Foi quando o jornalista americano, Raul

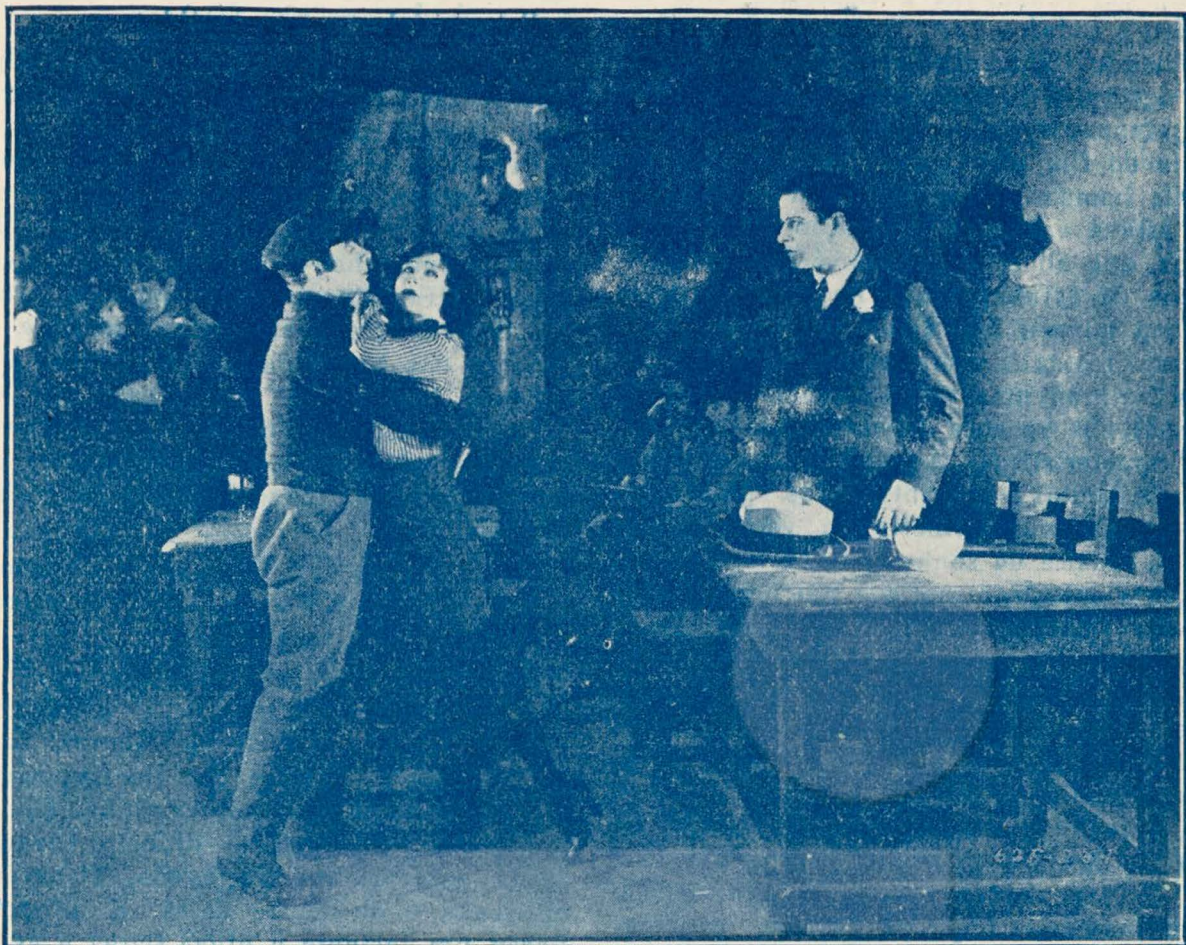
Carey, o apaixonado dos casos difficeis em que se tivesse de envolver a policia, de novo se offereceu a La Roche para descobrir e prender o famoso e atrevido gattuno.

— Eu talvez o possa auxiliar, Sr. inspector. O “Beija-flor” não me conhece. Como jornalista, desejo travar conhecimento com esse perigoso larapio e ao mesmo tempo prestarei um serviço á policia. Tenho quasi a certeza de que havemos de o prender.

Nessa mesma noite, Carey penetrou no café “Le Caveau”. A essa hora Montmartre estava em plena vida de prazer nocturno. Das centenas de *cabarets*, pequenos theatros, botequins e tabernas, vinha o ruido da folia, da musica e das canções. O gaz, na sua luz frouxa e tremula, illuminava toda aquelle mundo que julgava divertir-se e que apenas se suicidava lentamente com os abusos do alcool, com a embriaguez de um falso amor. De quando em quando, á porta de um desses cafés cantantes, onde fervilhavam os mais perversos criminosos dos dois sexos, paravam automoveis luxuosos e delles desciam mulheres ricamente vestidas e homens de casaca, resguardados do frio por pesados sobretudos de pelles. Era gente *chic*, nomes de destaque nas altas camadas sociaes, em geral estrangeiros, que vinham apreciar aquelle quadro pittoresco e original dum café de apaches. Estava então na moda essa mania. Não raro esses curiosos eram victimas da sua doentia curiosidade. Ou se viam roubados nas joias e no dinheiro ou se viam envolvidos nas desordens que á miude, e muitas vezes propositadamente se levantavam em tão escusos logares. Desse modo a entrada de Raul Carey no café “Le Caveau” não produziu sensação. Era um caso vulgar.

A essa hora o café estava em plena vida. Pelas mesas jogava-se, bebia-se, amava-se. Figuras curiosas de doentes moraes se mostravam por toda a parte, e um fino observador tinha ali campo vasto para os seus estudos.

Carey entrou e sentou-se a uma mesa que estava desoccupada. Logo papá Jacques veiu solícito perguntar o que elle queria, desfazendo-se em contumelias diante daquelle elegante que lhe dera a honra de visitar o seu café. Carey pediu uma bebida, ao acaso. Emquanto indicava o que desejava tomar, tirou a cigarreira para fumar



E Toinette girou pela sala nos braços de Bosque

um cigarro. Papá Jacques, num rapido olhar, viu que Carey guardava na cigarreira farta somma de dinheiro em papel. O seu olhar de larapio contumaz brilhou de alegria. Mais um cumprimento, e depois de servir Carey, correu a Toinette e segredou-lhe:

— Toinette! Está ali um sujeito que guarda o dinheiro na cigarreira.

— Quem é esse *bicho*? perguntou “Beija-flor”.

— Aquelle.

E papá Jacques indicou-lhe furtivamente Carey, que, com despreocupaçã, observava o café e seus frequentadores. Toinette abandonou o apache Zizi, com quem estava conversando, e foi-se approximando de Carey, bamboleando os quadris, em attitude provocante. O apache Zizi viu com tristeza Toinette iniciar essa nova aventura. Todos em “Le Caveau” amavam Toinette, mas Zizi mais do que ninguem. E Toinette, que a todos tratava com desdem,

tinha uma grande predilecção pelo apache Zizi. Não era amor, porque a pobre pequena não conhecia ainda esse dominador sentimento; mas uma amizade fraternal que Zizi julgava ser amor.

Sentando-se em uma mesa, que estava perto da de Carey, Toinette olhou-o provocadoramente. Em seguida, tirando-lhe da boca o cigarro que elle fumava, metteu-o na sua e fumou. Carey sorriu daquella extravagancia. Puxou da cigarreira e tirou um outro cigarro. Confirmava-se para Toinette a observação do papá Jacques. A cigarreira estava cheia de dinheiro. Dentro em pouco, todo aquelle dinheiro passaria, subrepticamente, para as mãos do audacioso “Beija-flor”, que naquelle momento era apenas a formosa e provocante Toinette. A endiabrada creatura iniciou o assalto. A sua encantadora formosura ajudava-a. Do seu ponto de observação, o papá Jacques, sorridente, satisfeito, segredava a Fanchette:

— Como ella conhece bem o nosso of-

ficio. Vai roubar-lhe a cigarreira, com dinheiro e tudo!

Olhando fixamente Carey, parecendo querer devoral-o com os seus olhos profundos e apaixonados, Toinette parecia ir se esquecendo do fim para que se aproximara daquelle homem. Una estranha sympathia lhe estava enchendo o coração por aquelle rapaz, que ali estava á mercê das suas audacias de gatuna, e que no emtanto devia ser um homem leal e corajoso.

Nesse instante, a musica do café "Le Caveau" atacou uma valsa dolente, enervante, sensual. Os apaches dansavam as suas valsas características. Ao apache Bosque, um homem brutal e de sentimentos grosseiros, appeteceu levar Toinette na vertigem daquelle musica de sonho. Approximou-se-lhe. Puxou-a energeticamente por um braço e cingiu-lhe fortemente o corpo. Carey ficou revoltado por tamanha brutalidade. Mas era loucura reagir. Por que havia de defender aquella mulher que elle não conhecia? E depois... se aquelles eram os costumes daquelle gente!

E Toinette girou pela sala nos braços de Bosque. Eram a principio movimentos lentos, suaves, acariciantes; e logo depois, repentinamente, impulsos brutaes, o arrastal-a pelo chão, o puxal-a a si de novo, tudo caracterisado por essa fórma brusca que é uma valsa dolente de apaches. Mas Bosque parecia dominado por uma raiva feroz contra Toinette. Ali não havia tão sómente os movimentos naturaes de tão exotico bailado; mas parecia que o espirito do apache estava dominado por alguma força superior, talvez o odio de um amor despresado.

Em volta ninguem estranhava aquella violencia. Era o costume. Era assim mesmo. Só Carey não se conformava com semelhante animalidade. A sua indignação foi subindo de ponto, á medida que Bosque ia augmentando de brutalidade. Quando elle viu Toinette atirada violentamente ao chão e que Bosque se dispunha a metter-lhe os pés no corpo franzino, Carey não teve mão em si e, saltando do lugar em que se encontrava, pespegou na cara de Bosque um murro forte, derrubando-o. Generalisou-se a desordem. Os elegantes que estavam de visita ao café trataram de fugir. Os apaches, por uma natural solidariedade de classe, caíram sobre Carey, atacando-o fortemente. Uma pancada violenta

na cabeça punha o corajoso e abnegado jornalista americano sem sentidos.

Ia chegar com certeza a policia. Era preciso salvar as apparencias. Carey foi retirado da sala e levado por uma porta escusa para dentro do automovel desconjuntado do velho Poulin, que sempre ali estava para estes casos perigosos e inesperados. Toinette acompanhou-o. Começava a interessal-a extraordinariamente aquelle rapaz gentil que, com tanto desassombro, a defendera das brutalidades de Bosque. Papá Jacques é que não via o caso por esse prisma. O acompanhar Toinette a Carey no automovel do Poulin era apenas mais uma habilidade do irrequieto e engenhoso "Beija-flor":

— Entrou no taxi do velho Poulin, antes que a policia chegasse. Toinette enxerga mais longe que uma aguia.

E o velho e enferrujado taxi lá rodou pelas calçadas pedregosas de Montmartre, aos solavancos, levando lá dentro Carey desfallecido e Toinette que lhe segurava a cabeça. A certa altura do caminho, Toinette lembrou-se que todo o dinheiro daquelle rapaz estava á sua disposição. Tirou-lhe a cigarreira e de dentro desta o dinheiro. Parou um instante a olhar Carey e as notas. Depois voltou a metter o dinheiro na cigarreira e esta na algibeira de Carey. Na sua mão ficou apenas um pequeno cartão branco que ella procurou ler á luz das lanternas do taxi. Era o nome e o endereço de Raul Carey.

III

O endereço indicava um "studio" em uma das ruas mais tranquillias de Montmartre. Toinette avisou Poulin que seguisse para essa rua e para esse numero. Poulin, resmungando, mas obedecendo, proseguiu na dolorosa viagem através as ruas mal calçadas e tortuosas. Por fim chegaram á rua e á casa indicadas. Poulin, ajudado por Toinette, levou Carey, ainda desfallecido, para os aposentos que o cartão tambem indicava. Carey foi deitado num sofá. Toinette empregou todos os esforços possiveis por fazel-o voltar a si. Entretanto Poulin, para não perder o tempo, apoderou-se de um pequeno cofre artistico que estava sobre uma *console*. Toinette, quando tal viu, indignou-se, arrancou-lhe das mãos o cofre

e levou Poulin aos encontrões para fóra da casa.

Carey despertou precisamente quando Toinette gritava e impellia Poulin. Ao dar côm o seu heróe desperto, Toinette abriu no rosto um grande sorriso garoto, e explicou a razão daquella balburdia.

— O “chauffeur” queria cobrar mais do que devia.

E logo depois, com desusada ternura:

— Está melhorsinho?

Carey sentia-se ainda muito atordoado. O ponto da cabeça em que levava a pancada estava extraordinariamente dorido. Quasi não sabia explicar o que se passara. Toinette contou-lhe como o trouxera para ali, sem sentidos.

— Mademoiselle! — disse Carey, apertando-lhe a mão. — Não sei como agradecer-lhe o que fez por mim... Mas já agora estou melhor. Póde retirar-se. Muito obrigado.

— Ora essa! respondeu Toinette com tristeza. — Está enganado. O ferimento que tem na cabeça precisa de tratamento.

— Não, não. Acho melhor que se retire. Isto não é nada. Estou melhor, muito melhor. Adeus.

Mas Toinette decididamente não partiria. Aquillo tudo — aquella casa, aquelle rapaz — tinham para ella um encanto tão novo, tão inesperado, que o seu desejo seria ficar para ali, para um canto, a cuidar delle, a olhar por elle. Foi ao quarto de toilette de Carey á procura de um pyjame; descalçou-o; quiz curar-lhe o ferimento; teve, emfim, todos os cuidados de uma enfermeira solícita. Mas Carey não podia deixar que aquella rapariga formosa pernoitasse em sua casa. Carey estava noivo e aquella aventura poderia trazer-lhe sérios embaraços. Sem dizer a Toinette a razão da sua insistencia, conseguiu convencel-a a que partisse. Toinette cedeu com extremo pesar. Não sabia dizer por que, mas dentro do seu coração parecia ter nascido uma luz nova, alguma cousa que ella não explicava, mas que lhe fazia bem. Despediu-se com tristeza de Carey. No seu olhar, se alguém nelle pudesse ler, encontraria as linhas desfeitas do lindo sonho: havia nelle magua e prazer.

Fechada a porta do aposento em que se recolhera Carey, de novo veio a Toinette um desejo louco de ficar. Foi á janella. A lua banhava duma luz suave a rua, a essa

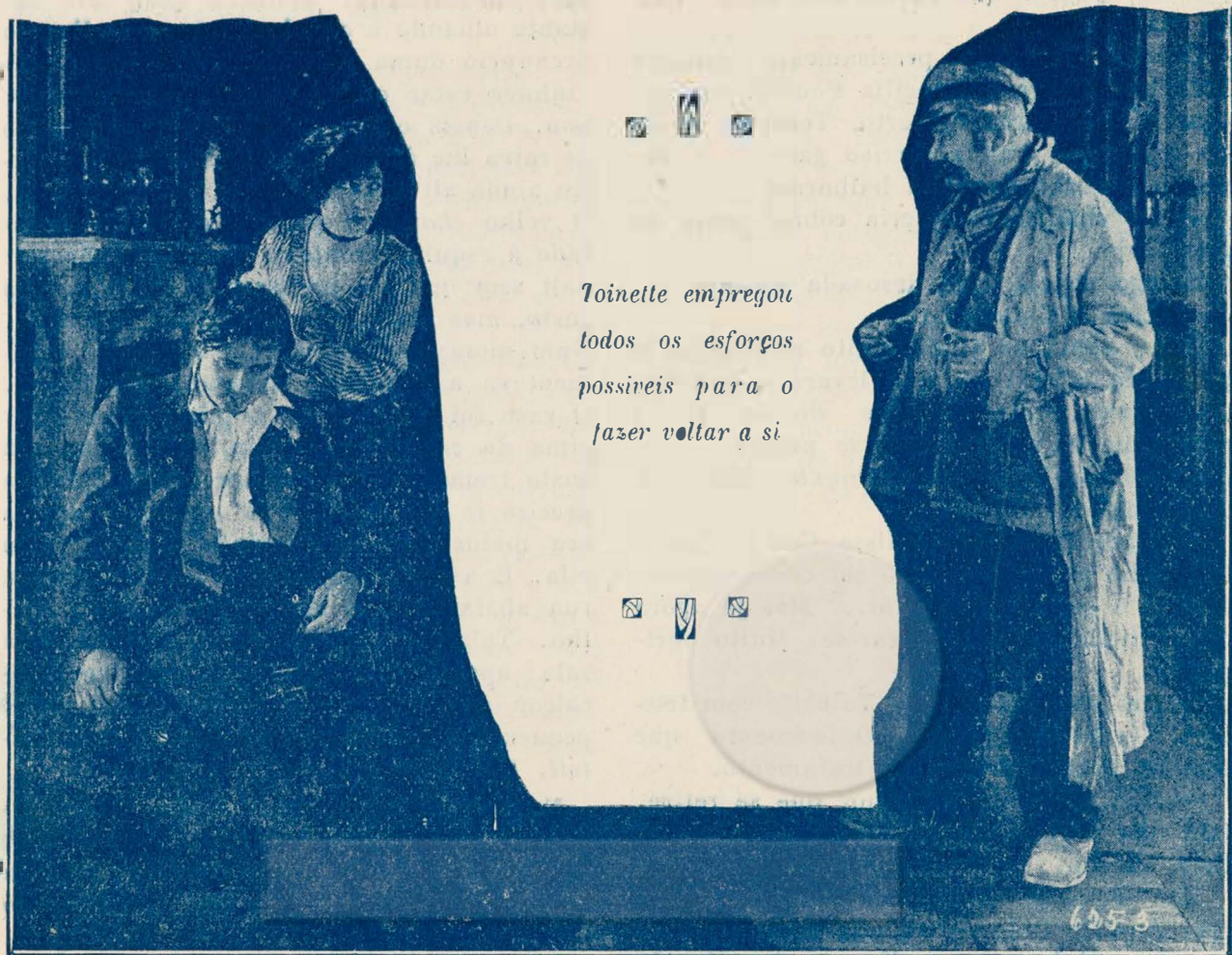
hora abandonada. Toinette ficou um instante olhando o céu, lendo nas estrellas o prenuncio duma felicidade, que ella advinhava estar perto, sem saber mesmo por que. Depois olhou a rua e uma expressão de raiva lhe desfigurou o rosto meigo. Poulin ainda ali estava, com o seu automovel. O velho *chauffeur* parecia disposto, encostado á esquina fronteira da rua, a não sair dali sem que lhe pagassem a corrida. Era justo, mas assim não entendeu Toinette. Num momento, pegou num vaso que ornamentava a janella e arremessou-o á rua. O vaso foi partir-se na esquina, mesmo por cima da cabeça de Poulin, que tomou um susto tremendo. Elle comprehendia que era preciso ir embora, porque aquella pequena era maluca e não convinha insistir com ella. E a caranguejola de Poulin partiu, rua abaixo com o seu ruido de ferro velho. Toinette entrou, em seguida, na sala; apagou a luz que a illuminava; descalçou os sapatos; aconchegou o seu corpo pequenino no fundo acariciante duma *fauteuil*. E adormeceu.

No dia seguinte, cedo ainda, Carey ergueu-se para, como de costume, receber os jornaes, o pão e o leite que lhe trazia a porteira. Estava por completo restabelecido das consequencias da aventura da vespera. A cabeça já não lhe doia e sentia-se plenamente senhor das suas faculdades de acção. A sua primeira pesquisa para encontrar o famoso “Beija-flor” não fôra um grande successo. Mas não era homem para desistir. Voltaria a percorrer os *bas-fonds* de Montmartre, um dia o atrevido apache cair-lhe-hia nas mãos. Agora precisava refazer as forças physicas com aquelle leite e aquelle pão, e não pensar mais em cousas tristes. E aquella linda pequena? Que seria feito della?

Nestas cousas ia pensando ao atravessar a sala quando os seus olhos foram atraídos para o *fauteuil*, onde dormia, a somno solto, Toinette. Carey, espantado, acordou-a. Como ficara ella ali, sem o avisar? Toinette, esfregando os olhos e sorrindo para Carey, respondeu:

— Julguei que ainda ia precisar de mim... Está muito zangado?

E a momice que o rosto garoto de Toinette exprimiu ao fazer esta pergunta era tão engraçado, tão infantil, que Carey soltou uma gargalhada.



*Toinette empregou
todos os esforços
possiveis para o
fazer voltar a si*

— Não, não estou zangado. Em todo o caso, fez mal em não me prevenir.

— Tive medo que me puzesse lá fóra á força. Parece-me que o aborreço.

— Ora essa! Mas vamos. Precisa alimentar-se. Deve estar a cair de fome.

Carey, a quem passara de todo a impressão desagradavel da vespera, começava a notar a formosura daquella infeliz creança. O brilho intelligente dos seus olhos; a graça seductora do seu sorriso, contrastavam nella com os trajes e os seus trejeitos, que caracterisavam as mulheres do seu meio. Quem sabe se seria possivel ainda regeneral-a e fazer della uma mulher feliz?

Toinette parecia, de contente, uma creança. Saltava, ria, palrava como um papagaio. Quiz examinar o ferimento, que, por completo, cicatrizará. Mas para encarecer os seus serviços e se prender mais uns instantes naquelle ninho, exagerou a gravidade do mal.

— E' preciso cuidado.

— Não exagere. Não sinto mais nada.

E enquanto Carey punha a mesa para aquelle alegre primeiro almoço, Toinette, a um espelho, cuidava apressadamente da sua *toilette*. Vieram-lhe, então, uns desejos da garridice feminina, que ella até ali desprezara sempre: Nunca, com a sua preocupação de se impor, pela fama do seu disfarce masculino, como o apache "Beija-flor", Toinette se déra á canceira de se alindar. Nella a mulher morria, desapparecia, para dar vida á sua grande paixão de se fazer temida, falada, perseguida como o mais atrevido, o mais terrivel, o mais corajoso dos apaches de Montmartre.

Por isso quasi não comprehendia como lhe nascera, de repente, um desejo ardente de parecer bonita, de se enfeitar. Havia uma força desconhecida que surgia dentro della, lhe tomava todo o coração e o inundava todo de felicidade. E foi com um certo ar senhoril, discreto, elegante mesmo, que aquella formosa e infeliz pequena, habituada a um ambiente e a umas compa-

nhas grosseiras, se sentou á mesa de Carey para aquelle frugal primeiro almoço.

A alegria e a garridice de Toinette communicou-se a Raul Carey. A aventura estava-se tornando interessante. Quasi que se esquecia que era noivo da gentil Beatriz Cummings, que vivia em casa de sua tia Henriette. Entre ditos alegres, creancices e gargalhadas de Toinette decorreu o almoço. A pobre pequena estava verdadeiramente encantada. E Carey, começando a adivinhar a joia que era aquelle pequeno coração perdido, tomou a resolução inabalavel de a salvar.

— Eu quero agradacer-lhe por ter me salvo a vida hontem á noite.

— Eu. Não salvei cousa alguma. Fiz apenas o meu dever.

E accrescentou numa vibrante gargalhada:

— O Sr. ficou ruimsinho!

— Tem muito apêgo áquella gente?... áquelle meio?...

— Assim, assim. E' o meu meio; é a minha gente. Nunca conheci outros. E' provavel que a felicidade não esteja ali; mas eu nunca conheci outra. A proposito: por que foi hontem ao café "Le Caveau"? O que o levou lá?

— Ia ver se descobria um famoso apache, um terrivel gatuno, que dá pela alcunha de "Beija-flor". Não conhece!

Toinette estremeceu, não tanto pelo receio de que Carey lhe descobrisse o embuste, como pelo que de desagradavel lhe pudesse ouvir sobre a sua vida de aventuras.

— Não, não conheço. Já ouvi falar mas não conheço.

E procurou desviar a conversação. Carey achava naquelle temperamento original de mulher um estranho encanto. Não pensou mais no "Beija-flor". A' sua alma bondosa, naturalmente inclinada ás cousas generosas, occorreu, com uma persistencia de idéa fixa, o desejo de salvar aquella pequena do abysmo em que se iria naturalmente afundar. Quem sabe se ali não estaria uma creatura digna de ser feliz, de ser boa e honesta? O meio exercia evidentemente sobre ella uma nefasta influencia. Liberta do despresivel ambiente em que arrastava a sua existencia miseravel, talvez que fosse feliz e fizesse feliz o homem que a amasse e ella amasse tambem. Era uma idéa generosa que o tomava definitivamente. Foi em

obediencia a ella que se atreveu a perguntar:

— Quer mudar-se do café "Le Caveau"?

Aquella brusca e inesperada pergunta estonteou Toinette. Seria então possivel viver fóra daquella casa em que sempre morara? E para onde a queria elle levar?

— Para vir morar aqui? — perguntou Toinette com alegria.

— Não — respondeu Carey. Para ir morar em casa de minha tia Henriette.

— Quem é essa tia? Eu não a conheço.

E Carey explicou. Sua tia Henriette era uma senhora de extrema bondade, sempre benevolente com as phantasias humanitarias do seu sobrinho idealista. Recebel-a-hia com prazer. Dar-lhe-hia uma distincta educação de maneiras. Rodeal-a-hia de todo o conforto, de todas as gentilezas, de todo o carinho. Toinette não concordou. Ficar ali, naquella casa linda, junto delle, cuidando delle, seria uma grande felicidade. Mas com estranhos, não. Era uma creatura indomavel, amando acima de todas as coisas a sua liberdade.

IV

O que Raul Carey dizia de sua tia Henriette era absolutamente verdadeiro. Amava, admirava a quixotesca mania do sobrinho em querer descobrir crimes e em prender e regenerar criminosos. Da mesma opinião não era Beatriz Cummings, noiva de Raul, uma menina ciumenta e egoista, para quem aquellas phantasias do noivo eram sempre motivo de desgostos e aborrecimentos. Quando Raul lhes telephonou, participando a sua curiosa aventura no café "Le Caveau" e a presença de Toinette em sua casa, Beatriz ficou furiosa. Não queria ir á casa de seu noivo para ver uma mulher que certamente lhe repugnaria. A tia Henriette procurou dissuadil-a daquella idéa. Não havia razão para tanto aborrecimento.

— Tú bem sabes que meu sobrinho tem a mania de descobrir mysterios.

Convencida, afinal, Beatriz, contrariadissima, dirigiu-se com sua tia á casa do noivo, onde ainda a essa hora almoçavam "Beija-flor" e Raul Carey. Havia comtudo mais um conviva: o inspector de policia La Roche.

Quando o desastrado policial soube, nas informações da sua repartição, dos aconte-



cimentos da vespera, correu immediatamente á casa de Carey:

— Um dos meus homens informou-me que um jornalista americano tinha sido ferido no café “Le Caveau”. Lembrei-me logo de si.

Carey contou-lhe rapidamente o que se passara e a razão da presença de Toinette ali em sua casa.

— Só lamento — disse Carey — ter perdido os sentidos antes de descobrir o esconderijo do “Beija-flor”.

Desde que o inspector de policia entrara na sala, não deixou, nem um momento, de examinar aquella pequena que tão suspeita lhe parecia.

— Ainda não tive a honra de ser apresentado a esta senhorita! exclamou ma n h o s a mente La Roche.

Toinette não se desconcertou. Desde que La Roche entrara que ella procurava apparentar uma tranquillidade, uma indifferen-



Foram rapidos instantes em que se miligram tantas saudades



ça, que na realidade, não sentia, porque estava com receio de que elle a pudesse reconhecer. E foi assim, fingidamente, que

respondeu com o melhor dos sorrisos ao inspector policial:

— Chamo-me Toinette... e trabalho no café "Le Caveau".

La Roche examinava-a de alto a baixo. Todo o seu aspecto lhe causava sérias suspeitas e apprehensões. Falando em inglez a Carey, para que Toinette não comprehendesse o que diziam, deu parte dos seus receios ao amigo americano:

— E' preciso têr cautela com esta gente.

— Nada receio.

— Em todo o caso não fez mal trazel-a para aqui. Talvez conheça o nosso famoso "Beija-flor".

— Se conhece, não o confessa.

— Aperte-a com perguntas. Talvez ella caia. Em todo o caso, cuidado. Essa carinha bonita é capaz de enganar o.

E' voltando a falar francez, despediu-se, não sem mais uma vez examinar lentamente Toinette, com os seus observadores olhos policiaes.

Aquella conversação em uma lingua que ella não comprehendia, irritara e entristecera Toinette. Era della certamente que falavam e deviam ter feito referencias ás suas aventuras. O que teria dito aquelle policial antypathico e máo ao homem por quem o seu coração começava a bater com tanta intensidade?

Quando Carey, que fôra acompanhar o policial até a porta, voltou á mesa, encontrou Toinette quasi chorando, com os olhos presos num longo e doloroso scismar. Tentou despertal-a daquelle subito pezar e dar-lhe um pouco de alegria aos olhos, como momentos antes.

— Que é isso? Está triste? Resolva-se. E' preciso deixar o café "Le Caveau".

— Bem. Irei morar com sua tia se assim o desejar.

Carey ficou contentissimo com aquella resolução de Toinette. A tia Henriette e Beatriz iam chegar e tudo se resolveria immediatamente. Era a melhor resolução que ella podia tomar, deixando aquelle antro onde imperava o famoso e terrivel "Beija-flor". E com o desejo de ver se alguma informação obtinha, de novo insistiu na duvida de que ella não conhecesse o terrivel apache.

— Mas, meu senhor, por que quer prender o pobre "Beija-flor"?

— Nesse caso, confessa que o conhece.

— Não, não conheço... Mas já ouvi fa-

lar. O que não entendo é porque lhe querem tanto mal. Elle foi ensinado a roubar dos ricos para dar aos pobres!

— Todos os ladrões apresentam essa capciosa razão em defesa dos seus crimes. Precisa de ser preso para que, pelo castigo, se torne uma creatura util á humanidade.

E como Carey reparasse que Toinette se tornara mais triste ainda, ouvindo-lhe aquellas palavras asperas, elle teve um instante de arrependimento e procurou animar-a.

— Mas eu não devo pensar nelle; devo e quero pensar em si, Toinette! Não esteja triste. Vae iniciar uma nova vida, onde encontrará muita felicidade.

E Toinette, um pouco mais animada, respondeu-lhe num sorriso:

— Bem. Não tornaremos a falar no "Beija-flor", nem vós, nem eu.

— Combinado.

E Toinette tornou ao seu ar alegre, ao seu espirito garoto, á sua vivacidade. Ria em plenas gargalhadas, esquecida das torturas da sua vida, como se ella ali estivesse de ha' muito e o café "Le Caveau", com todas as suas miserias, não existisse. A delicadeza de trato de Carey, os cuidados attenciosos com que lhe falava, produziam-lhe, ao mesmo tempo, uma sensação de prazer e de receio. Parecia estar de posse de um graude bem, que fruira, e que temia perder. Aquella alma habituada á violencia, deixava-se vencer pela bondade. E ria, e brincava, e saltava, como uma verdadeira creança.

A meio de toda aquella expansão, um toque de campainha retiniu. Carey tinha a certeza que era a noiva. E eram, realmente, a tia Henriette e Beatriz.

Toinette, antes que ellas a vissem, foi esconder-se atrás dum reposteiro. A tia Henriette e Beatriz entraram curiosas na sala para conhecerem a nova obra de humanitarismo de Raul, o regenerador de malfeitores. Mas a attitude de Beatriz era do peor máo humor, de verdadeira irritação. Não comprehendia, não podia comprehender como o seu noivo, um moço elegante, se dava áquelles caprichos de andar por logares escusos, em busca de typos degenerados e máos, para os trazer para a sua sociedade, para o convivio dos seus, sob o pretexto de estarem regenerados, quando muitas vezes elles voltavam aos



O "BEIJA-FLOR"

Gloria Swanson

seus crimes, rindo-se dos seus bemfeitores. A par disto, destas idéas nada altruistas, em Beatriz havia tambem um pouco de ciúme, de amor proprio ferido. Aquella convivencia com certas mulhiçes, irritava-a.

A sua entrada, ainda mais a encolerizou. O ar alegre de Carey, que, ao vel-a, exclamou:

— Beatriz! Fez bem em vir. Quero apresental-a a uma senhorita leal e sincera para quem peço a sua proteção.

E Carey ia dirigir-se a Toinette, quando deu pela sua falta. A cara garota da pequena appareceu por detraz do reposteiro. Beatriz, pretenciosa, fitou-a com o seu *lorgnon* impertinente. Era tal o ar de insolencia da aristocratica noiva, que Toinette correu o reposteiro grosseiramente, tapando o rosto. Começava a incommodal-a aquella situação de *bicho raro* que Carey lhe queria dar para observação das suas visitas. Uma subita antipathia lhe provocou a figura pedante de menina de sociedade, olhando-a do alto da sua luneta.

Carey, constantemente levado pelo seu espirito altruista, queria approximar aquellas duas creaturas, para que uma fizesse a outra o bem que pudesse. Chamando Toinette para o grupo, disse-lhe, apresentando:

— A minha noiva, Beatriz Cummings!

Foi como se um raio tivesse estalado ali, bem perto da pobre Toinette. Noivo! Pois estava noivo! Nesse caso nada havia a esperar. Aquella luz de felicidade que começava a illuminar, levemente, o coração da pobre Toinette não era se não um engano, uma illusão a mais. Se elle estava noivo, como poder aceitar o carinho que rio fundo da sua alma a infeliz *grisete* do café "Le Caveau" sentia animar-se por aquelle rapaz que a entontecera, a apaixonara?

E porque não sabia occultar os sentimentos que borbulhavam no seu coração, logo os seus olhos se carregaram duma nuvem negra, desviando-os para esconder uma lagrima. Era enorme a magua que a fazia soffrer.

Beatriz não viu, não comprehendeu a situação, nem soube ler naquelles olhos negros e meigos de Toinette a dôr que os enchia. Continuando a examinar, petulantemente, com a sua luneta, a figura encolhida e timida de Toinette, disse a Carey, num sorriso ironico:

— Raul merece parabens. Sabe proteger thesouros.

Era como uma bofetada aquella phrase mordaz. Toinette não tinha educação, mas tinha uma grande intelligencia e um apurado instincto para comprehender o que a sua falta de cultura tornaria de difficil percepção. Aquellas palavras, o ar mordaz e ironico como foram ditas, fizeram-lhe ganhar forza no odio que aquella mulhier lhe despertara desde o primeiro momento em que a vira. Fixou-a bem de perto, com o seu ar atrevido e audacioso, dizendo nos olhos todo o seu rancor. Beatriz recuou. Mettendo as mãos nas algibeiras da saia, bamboleando o corpo gracioso e atirando, para traz, num longo movimento de cabeça, a cabelleira revolta, disse-lhe bem rosto a rosto:

— Toinette não precisa do vosso auxilio, nem dô de ninguem.

E olhando Carey com rancor, enquanto duas lagrimas lhe queriam saltar dos olhos, disse-lhe tambem:

— Nem mesmo do seu auxilio, cavalheiro!

E dando de hombros, num gesto caracteristico de desprezo, dirigiu-se para a porta, bamboleando-se vagarosamente. E saiu.

Fôra, porém, a magua de não mais poder ver Carey assaltou-a dolorosamente. Um subito arrependimento lhe despertou o desejo de voltar atrás e pedir perdão a Carey do que dissera. Mas o orgulho que vivia dentro do seu character indomavel venceu essa fraqueza.

Saindo da casa de Carey, aconteceu de entrar na igreja onde costumava guardar as suas roupas de apache. Com o coração triturado por tão tremenda magua, lembrou-se de appellar para aquella imagem que ella ouvira dizer, na sua infancia, que protegia os que soffriam. Olhou-a longo tempo. Uma extrema sympathy a ligava aquella muda e fria estatua, protectora que era das suas aventuras. Conversou com ella como de igual para igual, contando-lhe o quanto estava soffrendo. Concluiu por dizer, num encolher de hombros:

— Saiba que a sympathy tambem é traiçoeira. Quasi que me apaixonou por um imbecil!

Mas quanta magua nesta confissão, de apparencia chocarreira! Quanta dôr subindo-lhe do coração, que fôra surprehendido com o primeiro amor, porque, na verdade,

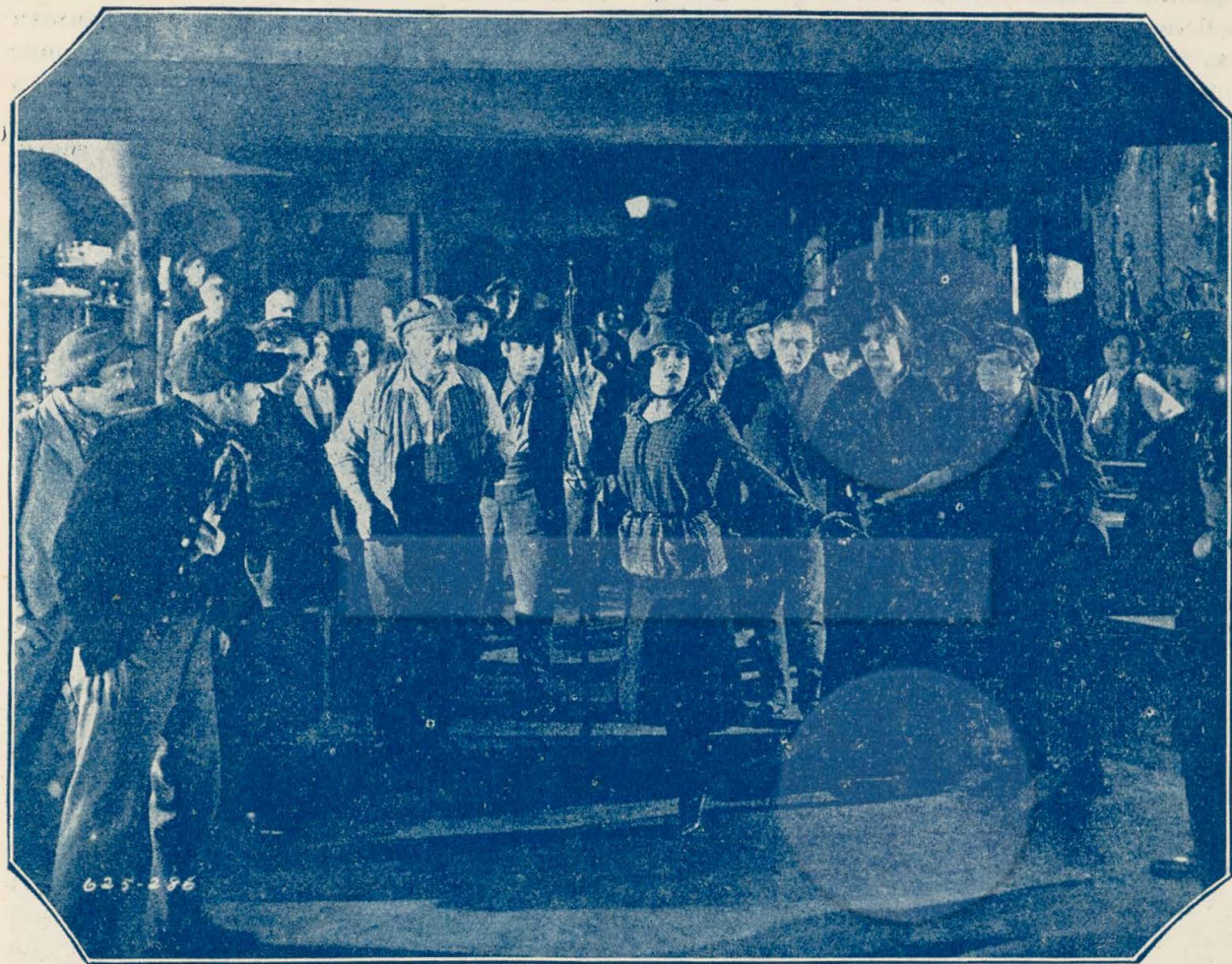
nunça a sua alma estremeceira sob a impressão de tal sentimento.

Triste, cabisbaixa, ia sair da igreja, quando uma freira, adivinhando-lhe o grande sofrimento, quiz consolal-a lembrando-lhe o refugio da igreja:

— A vossa igreja! O que é ella para mim? perguntou Toinette, voltando-lhe as costas.

mesquinhos e egoistas. Ia começar o maior cataclismo que até hoje tem caído sobre a pobre humanidade que se vangloria dum certo progresso civilizador, mas que, durante o tremendo conflicto, praticou as maiores crueldades, verdadeiros regressos ao espirito do homem primitivo e barbaro.

A guerra estava declarada. A mobilisação ia fazer-se. Em todos os recantos da



Arante! Lobos de Montmartre

V

A todos os seres que nesse momento viam apenas dominados pelas suas paixões pessoais, o mez de agosto de 1914, em que decorria esta commovente historia de "Beija-flor" e dos seus amores, veio surprehendel-os e desoriental-os com a brutalidade dos acontecimentos. O mundo ia iniciar esse tremendo inferno que era a grande guerra, fornalha formidavel, alimentada por tantos odios, em que se sacrificaram vidas sem numero em nome de sagrados principios, que serviam interesses

França echoava o grito de guerra, reavivando odios seculares da raça, erguendo dos tumulos os vencidos de 70, reanimando os proprios velhos. A patria de Joanna d'Arc era uma só alma, gritando o seu *elan* de guerra. Todo o bom francez apertava, nessa hora, no seu punho patriotico, a espingarda com que deveria defender a terra sagrada da França e a honra da bandeira tricolor.

Todos?... Não. Nas alforjas de Montmartre occultavam-se alguns *embusqués*, typos sem responsabilidade moral, postos á margem da sociedade. No café "Le Caveau"

tinham-se refugiado os seus habituaes e criminosos frequentadores. O governo, durante a mobilização, havia mandado fechar todos os logradouros publicos das casas de diversões em Montmartre, e o café "Le Caveau" ficou sendo o esconderijo dos apaches desertores, para quem a idéa de patria andava aliada á de pressão auctori-taria, perseguição e castigo. Patria para aquellos miseraveis seres era o governo, a policia, a lei, que os perseguia. Emquanto nas ruas se agitava uma multidão louca de entusiasmo e todo o homem valido ancianava vestir uma farda; emquanto os regimentos passavam garbosos deante dos applausos das mulheres, das creanças e dos velhos, no café "Le Caveau", um punhado de homens fortes cercava papá Jacques, que lia as noticias de sensação nos jornaes, e tremiam com a idéa de que o governo os viesse arrancar do seu esconderijo.

Toinette, que, desde as horas que passara em casa de Carey, nunca mais se transformara no endiabrado "Beija-flor", vivia sob o dominio duma infinita tristeza, indifferente a quanto se passava em volta de si. Ouvia ler as noticias da guerra e ficava a pensar no que seria de Carey naquella hora em que o mundo lá fóra vivia num grande alvoroço. Certo, de quando em quando, o seu coração vibrava ao saber que a França estava em perigo. Mas era um momento rapido de reflexão, porque a idéa maxima, a idéa profunda que lhe tomava todos os pensamentos, era do amor que Carey soubera despertar no seu coração, absorvendo-o todo, dominando-o todo.

Uma tarde, emquanto ella conversava com Zizi, e os outros apaches, com Fanchette, ouviam o papá Jacques ler os decretos do governo e as noticias da marcha do exercito, alguém bateu á porta. Era Carey. Raul alistara-se na região estrangeira, visto que a America não tinha ainda entrado na guerra, e antes de partir para a linha de frente queria mais uma vez falar a essa infeliz Toinette, cuja imagem nunca mais lhe saíra da lembrança. Foi direito ao café "Le Caveau". Na porta cerrada um cartaz dizia: "Fermé pendant la guerre". No emtanto, bateu. O carão hediondo de Fanchette surgiu no postigo da porta.

— Quem é? O que quer?

— Queria falar a Toinette. Póde fazer o favor de me deixar entrar?

Fanchette carregou o sobr'olho. Desconfiava daquelle americano. Quem sabe se elle não lhe queria roubar a pequena? Com a sua voz enrouquecida pelo alcool, respondeu rispidamente a Carey:

— Quando as autoridades mandaram fechar este café, Toinette mudou-se daqui.

E, bruscamente, fechou o postigo. Carey retirou-se convencido de que nunca mais veria a sua endiabrada apache. Toinette, precisamente nesse momento, não pensava senão nelle. Ouvia os protestos de amor do apache Zizi, que a idolatrava, mas a sua alma não vibrava ao som daquelle voz. Estava longe. Zizi, por quem ella sentia uma verdadeira amizade fraternal, e que a conhecia bem, adivinhava que no coração de Toinette alguém entrara e imperava.

— Gostas ainda do Americano, não é "Beija-Flor"?

— O jornalista americano? Já o esqueci por completo.

Precisamente, quando ella acabava de pronunciar estas palavras, Fanchette regressava da porta. Papá Jacques interrogava curioso:

— Quem era?

— O americano. Procurava Toinette.

— O jornalista americano? Que quer elle da pequena?

Toinette ouvira apenas uma ou outra palavra desta conversação: "Toinette"... "Americano". Mas o apurado instincto que dá o amor, comprehendeu rapidamente o que se passava, e mais veloz que um gamo estava no meio da rua. Não tiveram tempo de impedir que ella saísse. Uma vez na calçada, Toinette parecia tonta na correria que levava e no modo como procurava alguém com anciedade. Por uma das ruas transversaes um regimento ia passando. Por entre applausos populares, ao som marcial das musicas militares. Para lá se dirigiu correndo. Era um regimento de legionarios estrangeiros. Rapido, ella viu Carey entre os que iam combater. Um instante depois caía-lhe nos braços, ali mesmo em plena rua, emquanto o regimento passava com a sua marcha guerreira.

Foram rapidos instantes em que se mitigaram tantas saudades. Toinette parecia querer devoral-o com os seus grandes olhos. Elle ia partir para a guerra tambem! Quem sabe se voltaria! Reparando na braçadeira

que lhe cingia o braço direito, perguntou o que significava aquillo.

— E' o distinctivo dos voluntarios dos outros paizes.

— Como a sua noiva deve apreciar a sua valentia, a sua abnegação!

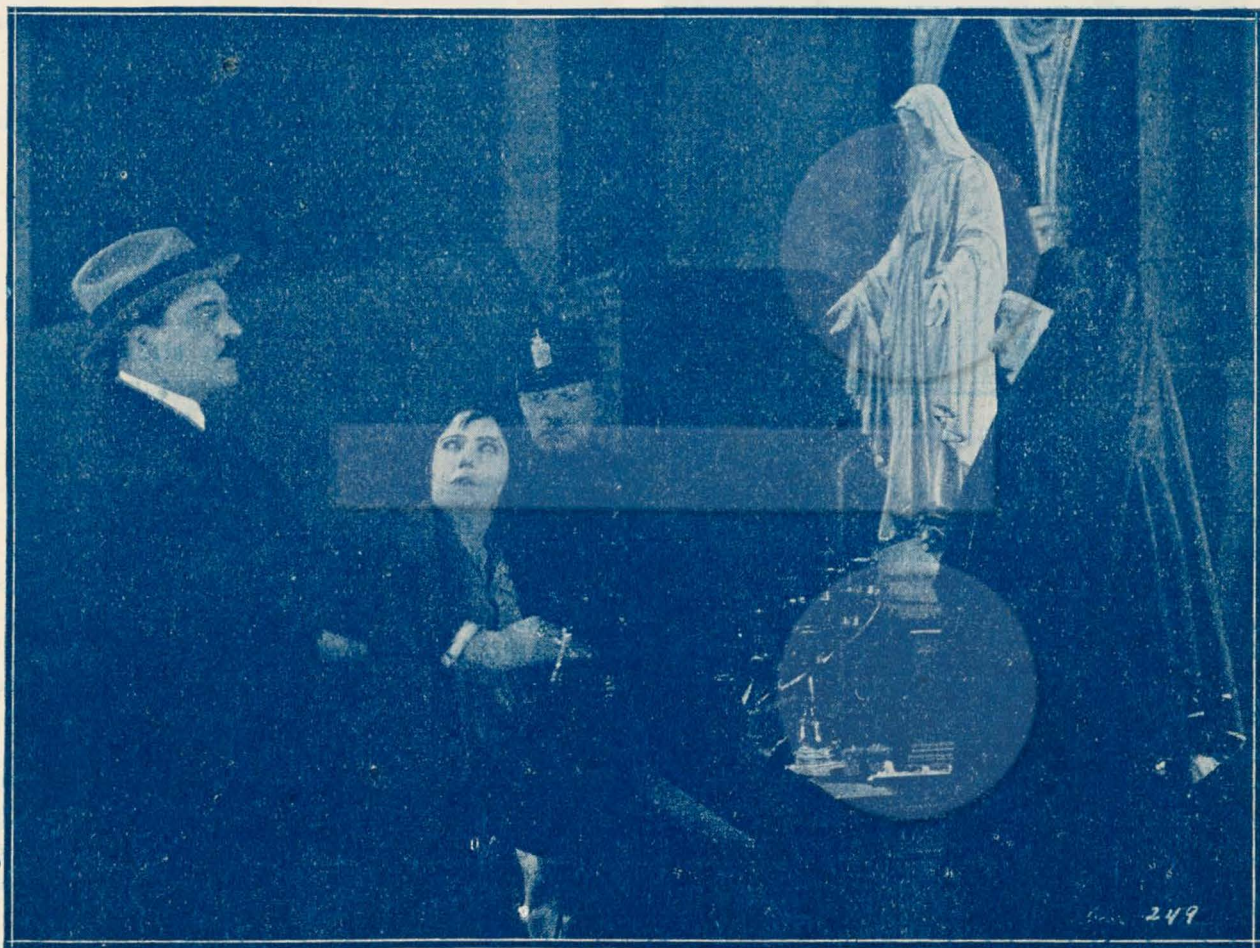
Era a primeira vez que Toinette se atrevia a lembrar a antipathica figura de Beatriz. Carey fez um gesto negativo com a cabeça, não sem tristeza:

— Engana-se; ella reprovou a minha decisão e desfez o nosso casamento.

seu pequenino corpo. Foi quasi a chorar que disse a Carey:

— Permitta que lhe dê um beijo de despedida. Só a sua intrepidez é que faria despertar em mim o meu patriotismo adormecido.

E beijou-o longamente, apaixonadamente, depois do que Carey correu a collocar-se entre as ultimas fileiras do regimento que passava. De longe, ainda a sua mão amiga saudava Toinette, que, como a propria estatua da resignação, ficara inerte e calma



...é a tal gatuna que tem a alcunha de «Beija-flor»

Ao ouvir tal, Toinette quasi deu um pulo de alegria. Mas conteve-se para não maguar Carey. O tempo passava e era preciso partir. Carey não podia deixar o seu regimento, que estava seguindo. Cingindo Toinette nos seus braços, disse-lhe, sem palavras, quando a levava no coração ao partir para a guerra, donde não sabia se voltaria com vida. Toinette sentiu-se dominada por uma commoção que lhe fazia vibrar todo o

a ver partir, talvez para sempre, o homem a quem verdadeiramente amava, num ardente primeiro amor.

Quanto tempo ali esteve não sabia. Junto della era um tumultuar formidavel de creaturas. Vehiculos de todas as qualidades, homens de todas as condições, um estupendo fervilhar humano agitava as ruas de Paris. «Para o Marne!» era o grito que sahia de todos os peitos, que abafava to-



Toinette foi sentenciada a dez annos...

das as paixões. Paris, a França, viviam os seus grandes, os seus maiores dias. Todo aquelle vozerio, todo aquelle entusiasmo, toda aquella alegria com que os filhos da sua patria partiam a defendel-a, foram como que o toque de clarim que despertou a alma apaixonada e heroica de Toinette. Aquelle espectaculo sublime electrizou-a. Em gritos de enrouquecer, numa crispação de nervos que agitava todo o seu corpo gentil, saudava os soldados que passavam e commungava do febril entusiasmo popular. Subito, uma idéa lhe assaltou o cerebro. Arrancou dum carro uma pequena bandeira tricolor e correu ao café "Le Caveau".

Entrou. Indifferentes á vida de intenso patriotismo que lá fóra se agitava, os apaches continuavam a ouvir, sem entusiasmo, as noticias que papá Jacques lhes lia. O inimigo avançava sempre e os francezes enviavam constantemente novas tropas para a linha de frente, utilizando-se de todos os meios de conducção. Isso, porém, pouco os interessava, uma vez que os alle-mães não chegassem a Paris. Esta indifferença irritava Toinette. Ao vel-a entrar, empunhando a bandeira tricolor, aquelles

homens pararam surpresos. Toinette parecia trazer no olhar um clarão do céu. Veiu até o meio da sala, ergueu a bandeira bem alto, e olhando-os em redor, disse-lhes com energia:

— A divisão do general von Kluck está sómente a trinta milhas de distancia de Paris! A França precisa de todos os seus filhos e vocês não podem mais viver neste esconderijo!

Os apaches deram de hombros. Não comprehendiam porque haviam de ir morrer na ponta das baionetas allemãs. Alguns riram. Fanchette, abrindo a bocca desdentada, num rir desabalado, voltou-se para Zizi:

— Zizi! Consola Toinette, que está triste porque o tal jornalista partiu para a guerra.

Toinette, toda ella, vibrou de indignação. Chamou-lhes cobardes, encheu-os de apôdos vís, fez appello para um resto de sentimentos que ainda existissem escondidos no fundo da sua alma e de tal modo falou, gritou, os exhortou, que um silencio absoluto se fez entre aquellas creaturas.

— Homens velhos têm ido para a guerra, para a linha de fogo, e vocês, rapazes novos e robustos, escondem-se como cobardes. Que vos gira nas veias, poltrões miseraveis? Dae-me uma arma, vesti-me uma farda que eu saberei morrer no posto que vós devieis occupar! Oh! que nunca, como agora, tanto lamentei ser mulher!

Os apaches estavam verdadeiramente electrizados com a sua voz, com as suas palavras. Não se ouvia o menor ruido. Alguma coisa de grave se passava no fundo daquelles corações Toinette sentia que os tinha em seu poder. Um momento mais e todos correriam como loucos em busca de armas. Erguendo de novo a bandeira, fitando-os com mais insistencia ainda, perguntou:

— Não haverá aqui um unico homem capaz de defender a patria que lhe deu o berço?

Reinava um absoluto silencio. Toinette, rangendo os dentes de raiva, gritou:

— Tendes medo, cobardes! Pois irei eu! Eu não tenho medo dos inimigos da França!

E tal vibração, tanto ardor, poz nestas suas palavras, que papá Jacques, de lagrimas nos olhos, e abrindo os braços a Toinette, exclamou:

— Pois se tu vaes, eu irei contigo!

Foi a scintilha que pegou fogo á pólvora. Todos aquelles homens como que se transformaram num momento louco de entusiasmo:

— Vamos todos!... Vamos todos!...

Fanchette, que até então se conservara silenciosa, revoltada com aquella subita mudança, rouquejou do seu canto:

— Mas vocês não têm patria! Vocês foram condemnados á proscricção pelas proprias autoridades do paiz.

Foi então que Toinette conseguiu ser ainda mais eloquente, mais persuasiva, mais bella. Ergueu ainda uma vez a sua bandeira querida e exclamou com verdadeira paixão:

Nós temos uma patria! E' a França! Desde pequeninos que na musica da Marselheza temos aprendido a defender a terra onde nascemos.

E o som heroico, divino, da musica de Rouget de Lisle, subiu naquelle recinto que parecia transfigurar-se ao calor das suas estrophes magistraes. Quando as ultimas palavras resoaram, aquelles homens eram completamente outros. Estava formado o grupo dos *Lobos de Montmartre*, que escreveria uma das paginas mais gloriosas da historia da grande guerra.

No dia seguinte, ao alvorecer, á porta do café "Le Caveau" reuniram-se todos os apaches. Lá estavam, no seu novo porte marcial, que lhe dava ao olhar uma estranha luz, o velho papá Jacques. Zizi, Bosque, todos, ali se encontram promptos para defender a França. A' sua frente, empunhando a bandeira arrebatada na vespera, vestindo o seu traje masculino, "Beija-Flor" levanta o grito heroico, que os electriza: "*Avante! Lobos de Montmartre!*"

E, entoando, a Marselheza, descem a rua ingreme, atravessam as praças, a cidade, e vão apresentar-se no campo de concentração, dispostos a vencer ou a morrer. A chamma que Toinette tivera antes de lhes accender no coração continuava cada vez mais viva, mais forte.

Chegaram, noite feita, ao campo. Aos seus ouvidos vinha o som prolongado e temeroso dos combates, que mais ainda os aqueceu para a lucta. Havia como que um ar de victoria, que os suggestionava. Julgavam-se capazes das maiores heroicidades. Fardados, equipados, destinaram-lhes os respectivos logares. Viam-se pela pri-

meira vez separados, mas não tanto que os seus olhares não se pudessem trocar, animando-se mutuamente. Já todos os *Lobos de Montmartre* se encontravam nas fileiras, inclusive Toinette que envergava uma farda demasiado longa e, no receio de ser descoberta, se fôra collocar junto do papá Jacques. Noite alta, um official passou a examinar cuidadosamente os novos conscritos. Depois de algum tempo, chegou junto de "Beija-flor". A sua minguada estatura, o seu rosto delicado e formoso, despertaram-lhe certas suspeitas. Mandou-o avançar um passo. Interrogou-o sobre a sua identidade: o nome, quem era, donde vinha. Papá Jacques, vendo o embaraço, a perturbação de Toinette, adiantou-se para esclarecer. Fazendo a continencia, pediu licença para informar:

— *Ella é meu filho!*... Quero dizer... elle.

Com a sua precipitação, papá Jacques estragara tudo. O official, rápido, tirou o bonnet e desapertou o capote de "Beija-flor", e Toinette appareceu em toda a sua graça feminina. O official, rispivamente, mandou-a sair da fileira, dizendo:

— Com esta, já encontrei hoje dez mulheres vestidas de homem. Vão ser todas recambiadas para Paris.

O desespero de Toinette era enorme. Tinha de abandonar os seus queridos *Lobos*?... Não compartilhar da sorte que os esperava e para a qual fôra ella quem os attraira, era motivo de desespero para o seu coração generoso. Despediu-se a chorar de papá Jacques, sendo levada á força para fóra do campo de concentração. Quando tentava reagir, querendo por força ficar entre os seus, despertou a attenção dos soldados de um regimento que perto estava. Um desses soldados ficou perplexo deante do que via. Saiu apressadamente da fileira, e approximou-se de Toinette. Era Carey. Abraçou-a commovidamente, procurando consolal-a daquelle desgosto:

— Por que não posso eu defender a minha França?

— Toinette — dizia-lhe Carey, acarinhando-a — tens que voltar. As mulheres defendem a patria tratando dos soldados feridos.

Mas parecia que a pobre pequena não tinha forças para se arrancar dali. Foi preciso leval-a com violencia.

Era já madrugada quando chegou a Pa-

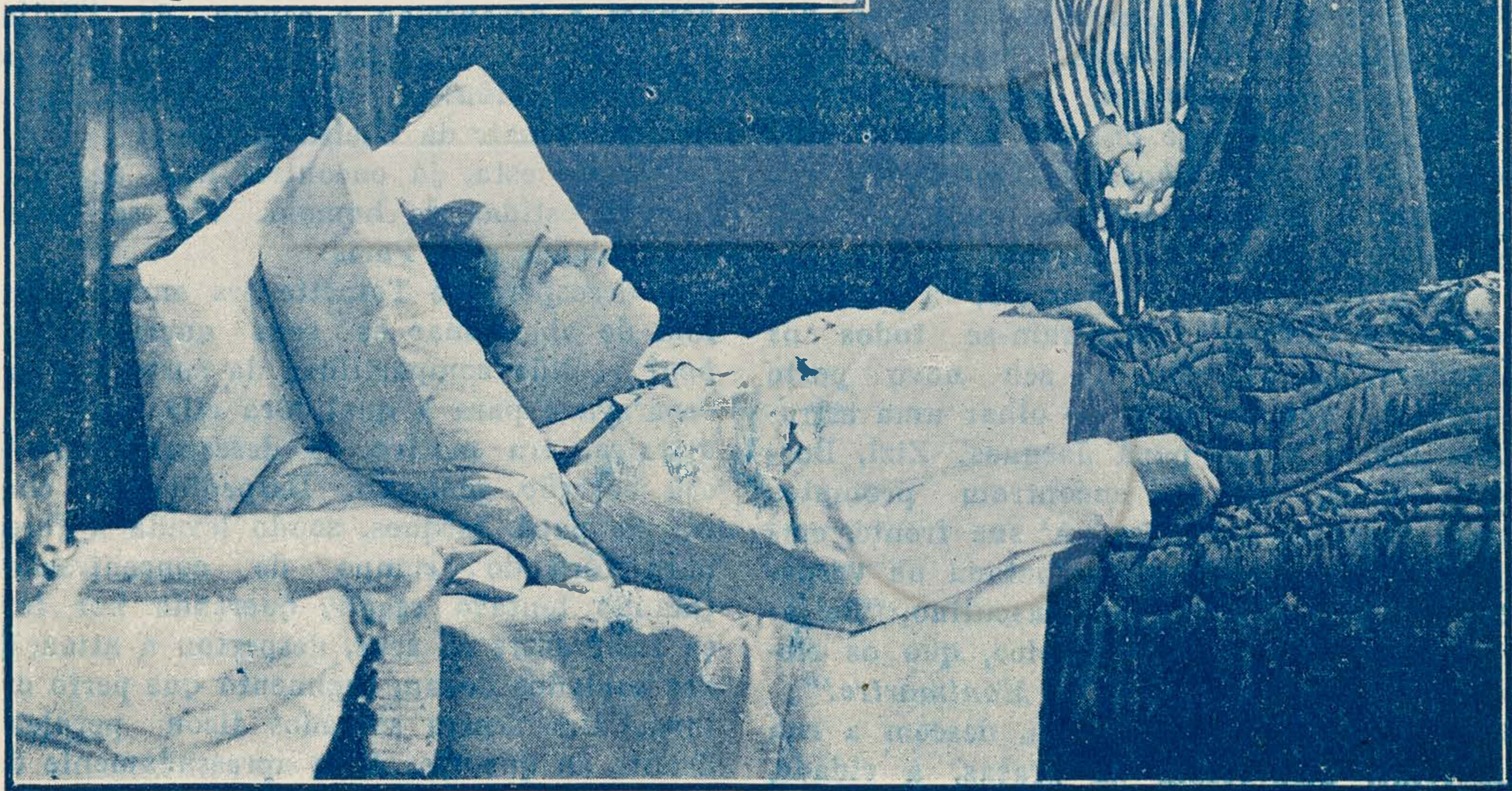
ris. Estava só, completamente só na vida. No Café "Le Caveau" apenas o trapo humano que era Fanchette arrastava a sua hedionda figura.

VI

Dias passados, a lucta activava-se no Marne. Joffre atirava para longe de Paris as hostes germanicas, que tão perto se encontravam já da cidade. Luctava-se heroicamente, corajosamente, formidavelmente. Escrevia-se com sangue e heroismo uma das paginas bellicas mais gloriosas da humanidade: a pagina do Marne. Os allemães recuavam.

Em Paris, as mulheres viviam nos hospitaes, nas egrejas, ou tratando feridos, ou pedindo a Deus pelos entes queridos que a essa hora viviam sob uma chuva de fogo. Dariam tudo quanto possuíam para que elles não percessem na lucta. Toinette

seu espirito incredulo e ignorante parecia que tão fraca dadiwa não deixaria a santa satisfeita. Veiu-lhe, então, de repente, uma idéa que a tomou toda. Saiu da egreja correndo. Entrou no "Le Caveau". Fan-



Toinette alli ficou junto d'aquelle leito

tambem foi visitar a sua imagem predilecta. Entrou na igreja; aproximou-se della e disse-lhe com as lagrimas a cair pelas faces pallidas:

— Minha santa! Dou-lhe tudo quando possuo se Raul Carey não fôr ferido na guerra.

E rebuscando as algibeiras, tirou dellas e lançou na caixa das esmolos, pobres moedas, que era tudo quanto possuía. Mas ao

chette dormia, dominada pelo alcool, a um canto. Toinette penetrou cautelosamente, abriu o alçapão que ficava a meio da sala, e desceu para o subterraneo. Uma vez lá em baixo, abriu uma velha mala e tirou de dentro um punhado de joias que ali estavam guardadas. Mas o ruido da mala acordara Fanchette, que ao ver luz no porão correu para espiar quem era. Mettia, nesse tempo, Toinette, as joias na algibeira e

preparava-se para fugir com ellas, quando Fanchette gritou e a quiz segurar. Agil, Toinette escapou-se-lhe das unhas e num pulo viu-se na rua. Mas Fanchette não desistia. Continuou atrás de Toinette a gritar, chamando a atenção da policia. Ajudada por dois guardas, foi proseguindo na perseguição até que Toinette penetrou na igreja e se dispunha a entregar á Virgem, para lhe conquistar as suas graças, todas aquellas joias, producto de varios roubos.

A essa altura, os guardas entraram de roldão na igreja, deixando espantados as freiras e os fieis. Toinette viu o perigo. Quiz fugir, mas não pode.

— Desculpe a nossa entrada brusca — disse um dos guardas á superiora — mas precisamos prender essa mulher, que é a tal gatuna que tem a alcunha de “Beija-flor”.

E logo Toinette foi agarrada por dois possantes guardas, em cujas mãos se debatia inutilmente. Olhando a imagem, rangendo os dentes de raiva, exclamou:

— Quando eu roubo para mim, vós nunca deixaes que elles me agarrem; mas quando eu roubo para os soldados da França, vós deixaes de me proteger!

E uma grande, uma tremenda blasphemia ia sair da sua bocca, que a freira superiora tapou, impedindo-a que concluísse. E foi uma lucta terrivel para os guardas conseguirem arrastal-a dali, levando-a para o gabinete do inspector de policia.

Quando La Roche viu na sua presença o “Beija-flor” reconheceu immediatamente a pequena apache que encontrara em casa de Carey. Toinette, que sempre tinha despedido a justiça, teve finalmente de respeitá-la. La Roche estava radiante. Tinha finalmente nas suas mãos a endiabrada pequena que tantos incommodos lhe dera.

— Convenci-me da sua esperteza — disse-lhe — quando a vi pela primeira vez em casa do Sr. Raul Carey. E’ preciso fazer a confissão de todos os seus crimes, contando-nos quem têm sido as creaturas que a acompanham nas suas façanhas.

Toinette, sem dar maior atenção ao que dizia La Roche, meditou apenas no que pensaria Carey se a visse alli, naquella situação. E sentia-se desesperada por não poder fugir ás garras da policia, mais uma vez. La Roche insistia na necessidade da confissão. Toinette então lembrou-se de dizer:

— Confessarei tudo, se não disser nada a Raul Carey a respeito da minha prisão.

La Roche prometeu, embora não puzesse nenhuma sinceridade nessa promessa. Toinette contou as suas ultimas proezas, aquellas de que mais se lembrava por serem mais recentes. Ia contando, contando, mais para satisfazer a vontade de La Roche e firmar a sua promessa, do que para se accusar. Chegou até a inventar pormenores. Mas La Roche queria mais, queria os nomes dos cumplices.

— Diga-me quem são os seus cumplices.

Toinette fingia que não escutava. Mas tanto La Roche insistiu nesta exigencia, que Toinette, indignada, ergueu o seu corpito meudo, num desafio e respondeu com raiva:

— Não. Eu confesso os meus crimes e não os delles. Os meus cumplices são agora defensores da patria, que todos nós adoramos.

La Roche, convencido de que nada mais poderia conseguir de Toinette, mandou-a recolher á prisão das mulheres. Mansa como uma ovelha, Toinette deixou-se levar primeiro á sala de registro. Concluido este trabalho, trataram de a metter entre ferros. Quando, porém, lhe tentavam despir a roupa masculina para que envergasse o vestido regulamentar do carcere, parece que Toinette voltou a ter consciencia da sua infeliz situação e foi uma canceira para a submeter. Aquella ave alegre, para quem a terra era pequena para viver, e o ar pouco para respirar, ia ser engaiolada, ia ficar sem liberdade.

Durante a guerra, os tribunaes eram severos. Toinette foi sentenciada a dez annos de prisão. Pouco a pouco, aquelle inquietante e permanente espirito de revolta foi abrandando, sob a acção de uma vida de trabalho e de ensinamentos. Toinette, que a principio era temida, acabou sendo adorada, até das avesitas, que vinham comer-lhe na mão, á janella do seu cubiculo. Do “Beija-flor” nada mais restava. O que havia agora era só um coração soffrendo, porque, quanto mais luz entrava na sua consciencia, mais ella via a distancia que a separava do homem a quem continuava adorando.

Ha tres annos que a guerra durava e ha tres annos que Toinette vivia enclausurada naquella prisão. Nos campos de batalha, os

Lobos de Montmartre continuavam a praticar heroicidades sem conta, demonstrando que sabiam morrer gloriosamente pela França. Já poucos delles restavam nas fileiras. A maioria tinha dado a vida em holocausto á patria. Naquellas horas angustiosas das trincheiras aquelles heróes tinham resgatado a sua honorabilidade, apagando as paginas tristes do passado. Ha tres annos já que ali tinham entrado. Em um dos ultimos recontros, o regimento de Zizi entrara em fogo. O apache apaixonado de Toinette bateu-se como um verdadeiro lobo. A morte veiu procural-o. Quando sobre o lamaçal da sua trincheira Zizi succumbia, uma ultima vontade solicitou do official que o amparava: a entrega a Toinette, ao seu adorado "Beija-flor", da cruz de guerra que lhe esmaltava o peito. O official prometteu cumprir. Naquelle verão, o ultimo *Lobo de Montmartre* fez com que a França tivesse na sua historia mais uma pagina de heroismo. E, assim como este, morreram heroicamente todos os *Lobos de Montmartre*.

VII

E emquanto, tão bravos e tão leaes, morriam, cumprindo o seu dever, aquella que lhes accendera a chamma patriotica, os levara á posteridade, continuava dentro das grades da prisão, cuidando a sua alma e fazendo por purificar-se. A esse tempo, o maior trabalho das enclausuradas era preparar ligaduras para os soldados feridos. Auxiliavam a victoria sem pensar nos fulgores e na alegria que dá a gloria. Muitas vezes as lagrimas das enclausuradas molhavam esses pannos que viriam ligar corpos esfrangalhados pela metralha:

— Quem sabe se esta ligadura não vae servir para meu filho! soluçava uma.

— E esta talvez sirva para o homem que eu amo! dizia Toinette.

De quando em quando, nas ruas passavam regimentos, com as suas musicas marciaes. As enclausuradas corriam ás grades da prisão a ver aquelles defensores da França, saudando-os com os seus sorrisos e as suas palmas.

Foi então que começaram a chegar as primeiras tropas americanas. Ao principio vinham aos centos, depois aos milhares. E iam para a linha de frente sorrindo e cantando. A America pagava á França a sua divida de ha um seculo, quando Lafayette

auxiliou a sua libertação. A cooperação "yankee" ia pesar na balança dos destinos dos alliados.

Naquelle carcere, onde quasi todas as mulheres tinham um irmão, um filho ou um marido no "front", os jornaes eram lidos avidamente, não obstante as ordens superiores que tal prohibiam. Toinette, sempre que podia, arranjava um jornal, ainda que fosse um numero atrasado, e devorava as noticias da guerra, em busca de alguma referencia aos corações seus amigos que andavam envolvidos naquelle redemoinho de sangue e morte. Uma das fiscaes passava-lhe, ás occultas, os velhos jornaes amarrotados, que eram a sua unica consolação na estreita e triste cella da prisão, fóra das horas do trabalho.

Foi assim que, uma tarde, os seus olhos pararam sobre uma pagina do *Figaro*, onde leram esta noticia esmagadora:

"O capitão Raul Carey foi ferido gravemente na batalha de Argonne, tendo sido transportado em estado critico para a sua residencia, á rua Monceau, 26."

Toinette olhou em volta de si. Nunca como naquelle momento sentiu tanto o peso daquella prisão! Pois era possivel? Elle morrendo num leito e ella sem o poder salvar, sem o poder beijar! E dentro em pouco parecia uma féra, agitando-se naquella jaula, querendo romper a punhadas as fortes paredes, e quebrar a pulso as grades pesadas. Na certeza da sua impotencia para sair daquella prisão, a sua alma encheu-se de revolta, e de novo nella resurgiu, cresceu, dominou, o genio terrivel do terrivel "Beija-flor". Como uma louca ia de um ponto a outro da cella, apertando, desesperada, a cabeça com as mãos, chorando convulsamente, até se deixar cair sem forças no lagedo do cubiculo.

Os empregados e as outras prisioneiras não escutaram os seus gritos, as suas lamentações, porque a essa hora uma grave preocupação os tomava a todos. Fóra recebido um aviso do governo militar de que naquella noite um dirigivel allemão passaria sobre Paris, lançando o terror e a morte na sua população. Mais de uma vez isso tinha acontecido, embora nunca aquelle ponto de Paris tivesse sido attingido.

Aocair da noite, Toinette foi despertada da sua profunda tristeza pelo som aterrorizador do canhão. Paris defendia-se do mons-

tro sinistro, que caminhava para ella ameaçadoramente, despejando metralha. Os reflectores electricos seguiam-no vigilantes e dentro em pouco, no céu escuro, o bojo colossal da grande machina de guerra foi descoberto e apontado no céu. Toda a população se refugiou nas caves. Os guardas da prisão abriram apressadamente as grades das cellas e conduziram, numa correria louca, para os porões do edificio, as encarceradas. Era tempo. Precisamente nesse instante, do monstro aterrador, caiam sobre a prisão formidaveis granadas, que destruíam uma das alas da casa.

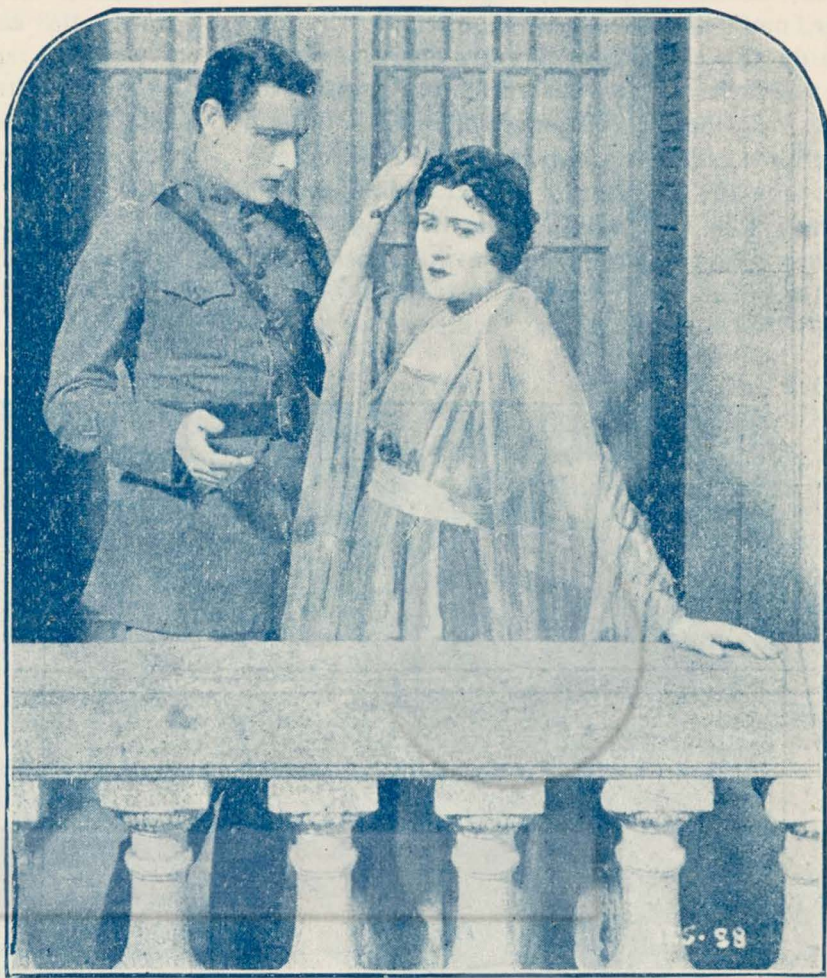
Toinette viu-se logo entre os primeiros que fugiam, no largo pateo de entrada. Ninguém reparava nella. Cada um, prisioneira ou guarda, tratava de se salvar o mais depressa possível. Veiu-lhe, então, uma idéa subita: fugir. Occultou-se num vão da escada e, quando todos tinham passado e se refugiado nas caves, ella atravessou o largo portão e viu-se na rua. As granadas continuavam caindo sem interrupção. Mas que lhe importava se ella estava livre e podia correr a vel-o?

Ninguém lhe embargou os passos. Dentro de poucos instantes chegou á rua Monceau n. 26. Na casa, completamente fechada, parecia não viver ninguém. Ter-se-hia enganado? Tocou. Momentos depois surgiu um creado, que abrindo só metade do portão lhe perguntou o que desejava.

— Quería ver o capitão Carey.
— Não a posso deixar entrar, menina. São as ordens rigorosas que tenho: não entra ninguém senão os medicos e as enfermeiras.

— Diga-me ao menos como elle está! supplicou soluçando Toinette.

— Mal, muito mal! Está morrendo! Só Nossa Senhora o póde salvar.



“Não!... Aínda não!...”

E impellido delicadamente Toinette, fechou de novo o portão e desapareceu.

“Mal, muito mal! Está morrendo!” Toinette repetia a si mesma, entre convulsas lagrimas, estas palavras sinistras e perguntava a si mesma para que o destino a fizera tão desgraçada. Para ali esteve, olhando as janellas mal illuminadas, tempo immenso, até que se lembrou das palavras do creado: “Só Nossa Senhora o póde salvar!” Pois ir-lhe-hia pedir, supplicar, rojando-se no lageado do templo, que salvasse o seu bem amado! Correu á velha igreja, onde tantas vezes, com a alma dominada por outros sentimentos, entrara descuidadamente. Ajoelhou-se diante da imagem querida, testemunha silenciosa das suas loucuras de outros tempos. Olhou a Virgem, com as lagrimas banhando-lhe o rosto lindo e soffredor, sem dizer uma palavra, mas exprimindo no seu soluçar toda a dôr, todo o soffrimento que lhe agitava, confrangia o coração. Longo tempo ali es-

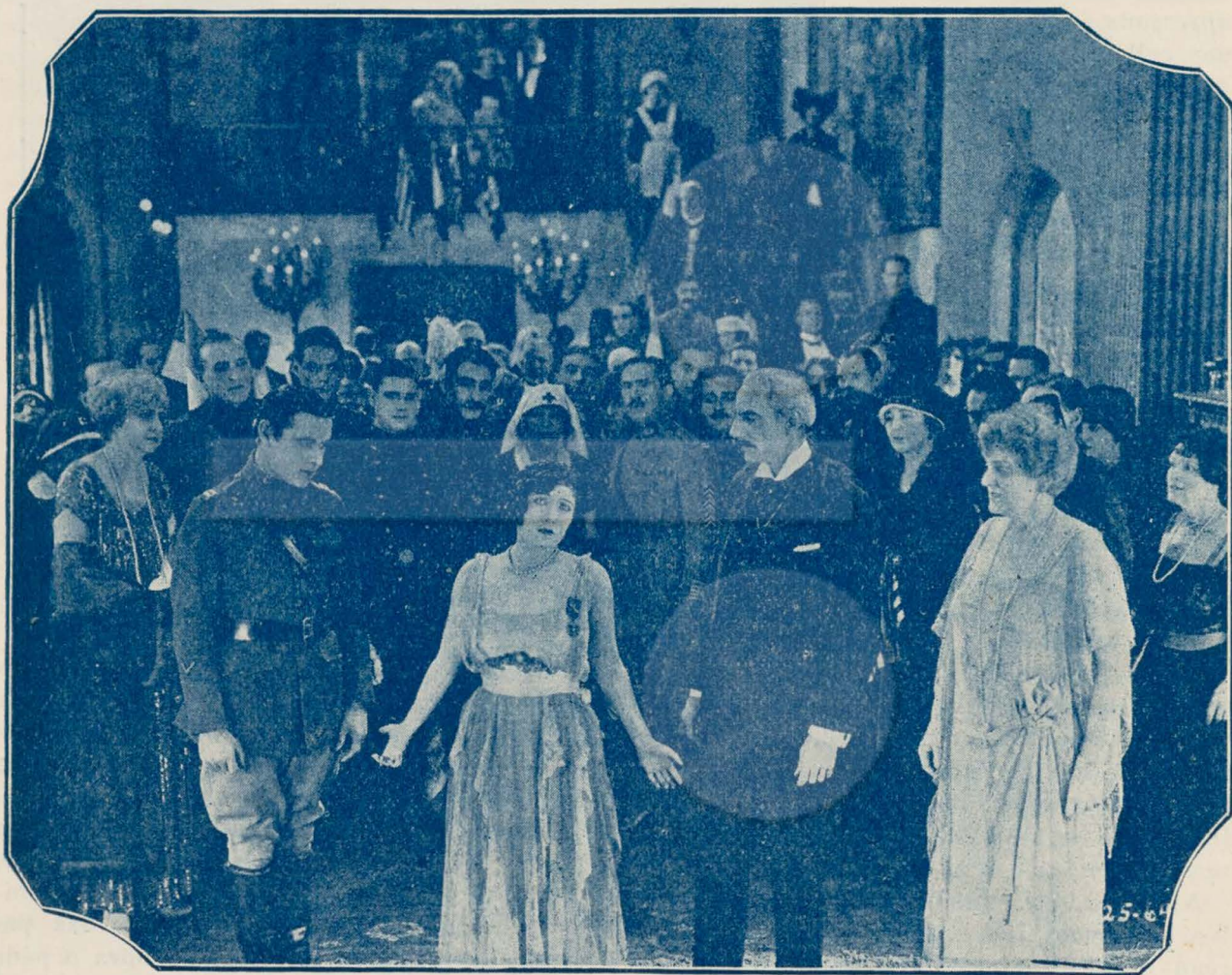
teve, de mãos postas, chorando sem cessar, nada dizendo, mas supplicando do fundo da sua alma, com aquella energia que dá o receio de se ver destruido um grande sonho de amor, á Virgem bondosa, á Virgem carinhosa, que lhe salvasse o seu bem amado, que lhe salvasse o que era alma da sua alma. Por fim, faltando-lhe as forças, caiu sobre o lagedo, soluçando ininterruptamente.

Uma freira correu a amparal-a. Ergueu-lhe o corpo sem forças, limpou-lhe as la-

Quando a freira conseguiu acalmal-a um pouco, ella supplicou-lhe de mãos postas.

— Minha irmã! Reze por mim... Eu tenho sido muito má e Nossa Senhora não ha de querer attender-me. E' preciso... é preciso... que Nossa Senhora salve o meu bem amado!

E durante todo aquelle resto da noite, Toinette permaneceu deante do altar, acompanhando com um fervor extranho as orações da freira. Ao alvorecer, com o coração



E do vestido branco de Toinette pendeu a cruz de guerra

grimas que lhe banhavam por completo o rosto, e tentou consolal-a da dôr que a acabrunhava. Para tanto, aconselhou-a a rezar, porque a oração era um balsamo que suavizava todas as dores. Toinette olhou-a com infinita magua e baluciu:

— Minha irmã! Eu queria, eu queria... mas não sei rezar!... Eu nunca aprendi...

E novamente um choro convulsivo, nervoso, agitou o corpo abatido de Toinette.

anciado, mas com uma suave luz de esperança, correu á rua Monceau. Quando ali chegou, sahia do palacio o medico que toda a noite velara pela salvação de Raul Carey. Até á porta acompanhou-o a tia Henriette. Toinette occultou-se atrás de uma columna, mas ainda pode ouvir o que o medico dizia:

— Minha senhora! A crise está passada. Não ha mais razão para se affligir.

Salvo! Pois estava salvo! E Toinette, logo que o medico saiu, correu para a tia Henriette, que ficou contentissima por a tornar a ver.

— Toinette! Que alegria! Venha, venha. Raul contou-nos tudo o que se passou. Não faz senão falar no seu nome. Temol-a procurado por toda a parte!

Encaminharam-se as duas para os aposentos de Raul. O bravo capitão americano estava sobre o seu leito de dôr, quasi inerte, sem dar accordo de cousa alguma. A crise tinha na realidade passado, mas os ferimentos eram graves de mais, exigindo um cuidado e tratamento rigorosos. Toinette ficou vigilante junto daquelle leito, em que estva preso por um fio a este mundo, tudo o que ella mais amava na vida, mesmo aquillo que para ella resumia a propria vida. De quando em quando, da boca do enfermeiro saia uma palavra, um nome: "Toinette"!

Quantas horas, quantos dias, Toinette ali ficou junto daquelle leito, ella não o sabia dizer. Mas foram os dias mais felizes da sua triste e aventureosa vida.

VIII

Para Toinette, as semanas decorridas junto de Raul, até ao seu completo restabelecimento, pareciam annos passados no paraíso. A felicidade procurava afinal aquella linda creatura, que se salvara pelo amor e pelo amor se levantaria no conceito social.

Um perigo ainda a ameaçava. A policia, logo que deu pela sua falta, poz-se em campo, para a descobrir. O inspector dissera aos detectives:

— Toinette tem que ser encontrada, nem que todos os guardas tenham de procural-a.

E um delles respondeu a La Roche:

— Havemos de encontral-a, mas depois do que ella fez com os destemidos *Lobos de Montmartre* terá de ser um pouco mais benigno.

Mas, apesar de todos os esforços da policia, Toinette não foi descoberta. Dentro das paredes daquelle palacio, a sua vida ia decorrendo tranquilla e indifferente ao mundo. A crysalida ia-se transformando na linda borboleta de azas multicores e ninguém diria que aquella elegantissima menina, de tão distincto porte, de tão graciosa

figura, fosse aquelle masculino "Beija-flor", que aterrara o bairro de Montmartre. Carey, elle proprio, estava deslumbrado. Toinette transformava-se por completo, a ponto de não ser mais possivel reconhecer nella o idolo do café "Le Caveau". E como um dia lh'o fizesse notar, Toinette respondeu:

— Devo tudo isto á benevolencia da sua tia.

Com aquella transformação, que fizera de Toinette, em pouco tempo, uma verdadeira senhora de sociedade, o amor de Carey foi crescendo, tornando-se para o bravo official a sua maxima preocupação naquelle momento.

Toinette correspondia a esse amor, mas um espinho lhe sangrava ainda o coração: era a lembrança do passado, essa caudal de infelicidades. A Toinette de hoje não matara a Toinette de hontem, nem muito menos o "Beija-flor" de tão tristes recordações. Quem conseguisse para sempre apagal-as da memoria dos homens!

Carey, que não podia mais esconder seu coração aos altos sentimentos que lá tumultuavam, quiz obrigar Toinette, uma noite, em que á janella do palacio liam nas estrellas a sua ventura, e concordar em ser sua mulher. Toinette sentiu que os olhos se lhe enchiam de lagrimas, que eram, ao mesmo tempo, de ventura e de desespero: pela felicidade que elle lhe promettia, pelo segredo do seu passado. Teve forças para suffocar a sua alegria, dizendo a Carey:

— Não!... Ainda não! Terá que voltar amanhã para a linha de fogo! Esta maldita guerra nunca mais acabará!... Depois. Falaremos depois.

Carey, realmente, estava-se preparando para voltar ás fileiras. Na vespera da sua partida, passavam aquelles dois corações os derradeiros momentos de ventura junto um do outro, pensando em que caminho seguiria agora o seu destino, quando de repente todos os sinos e sirenes de Paris começaram atroando os ares, num sussurro festivo e vibrante: era o armistício! A guerra tinha terminado. Bastou aquelle minuto para que a face da vida tomasse para aquellas duas creaturas que se amavam um novo e inesperado aspecto. Lá fóra, Paris delirava com o entusiasmo da victoria. Mas Carey de nada mais queria saber que da sua Toinette. Era preciso que de uma

vez por todas ella se resolvesse a ser sua mulher.

— E o meu passado? perguntou ella.

— Não existe. Apagou-o o nosso amor.

— Mas... suppondo que o "Bêija-flôr"

que procuravas tivesse sido eu?

— Casaria contigo da mesma maneira!

E uma grande sinceridade se lia nos

olhos de Carey ao fazer esta affirmagão.

Na noite seguinte a tia Henriette deu uma

festa para commemorar o armistício. Os

luxeosos salões encheram-se de mulheres

formosas, mas nenhuma conse-

guiu ofuscar a graça e a alegria

de Toinette, que nessa noite esta-

va mais encantadora do que nun-

ca. Carey vivia num deslumbra-

mento. Quem lhe poderia dizer

que naquella garota, vivendo mal-

trapilha entre apaches, se escon-

dia uma tão deliciosa creatura?

— Toinette! Por que não an-

nunciar-mos a toda esta gente ami-

ga o nosso casamento?

— Não, meu amor! Para ser

verdadeiramente digna de ti, me-

receite, eu tenho de levar primei-

ro a minha cruz ao Calvario.

Amanhã voltarei para a prisão,

afim de terminar a minha sen-

tença.

— Estás louca!

— Não, meu amor, não! É o

único caminho direito por onde

posso dirigir-me à felicidade. Mas

esta noite... poderemos esquecer.

E, na verdade, Toinette parecia

ter esquecido por que voltou ao

salão, de que estava sendo a ale-

gría, brincando e rindo com toda

a gente. Ninguém diria que na-

quella pequena tão alegre e ex-

pansiva estava uma alma mergul-

hada em grandes dores.

Veu o champagne, la brindar-

se pela victoria. O salão dourado

estava repleto de officiaes e senho-

ras. Toinette subiu meia duzia de

degrãos de uma escadaria, em-

punhando uma taça de champã-

gne, e gritou. Todos se voltaram

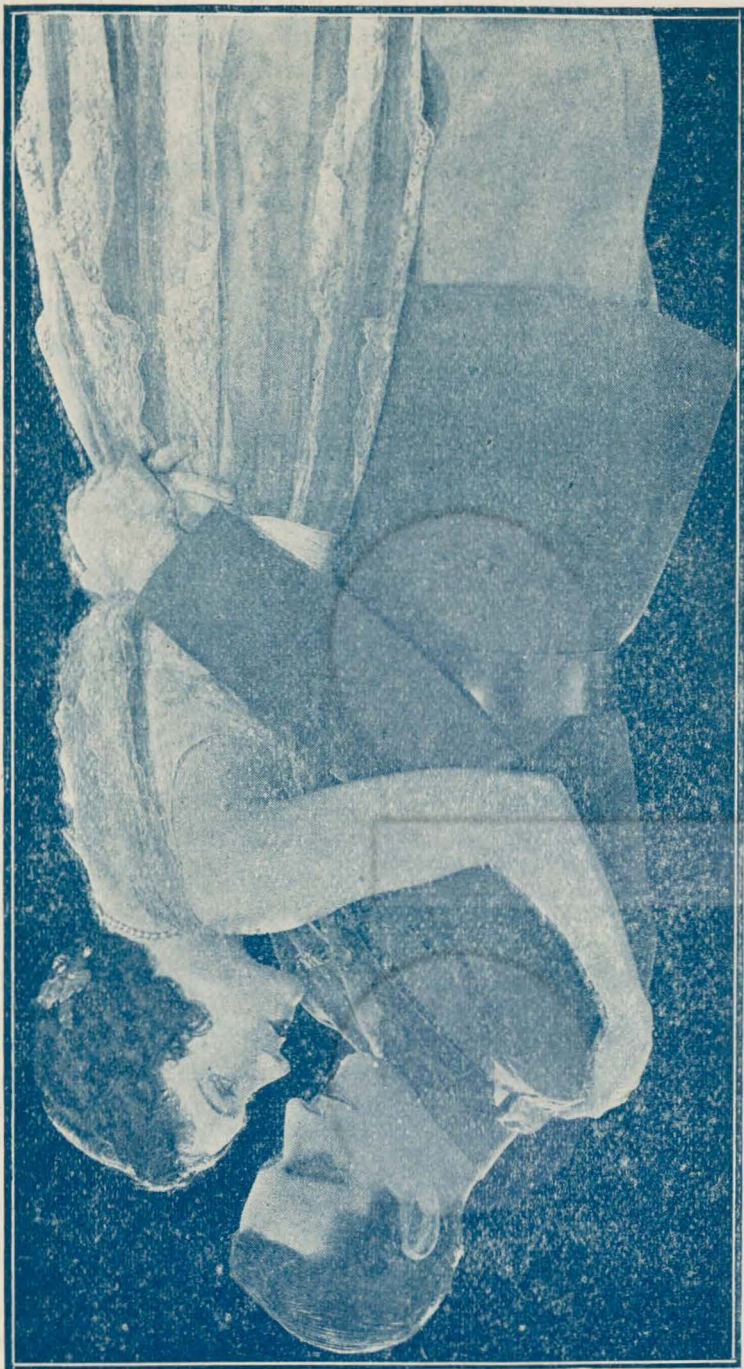
para a sua encantadora e sugges-

tiva figura. Nella vibrava, nesse

momento, toda a alma da França.

Erguendo bem alto a taça, prin-

E os dois foram infinitamente felizes.



“Nesta hora de triumpho e de liberdade...”
De repente estacou, pallida. O brago
cain. A taça de champagne tombou no ta-
pete. E’ que na sala tinha entrado a figu-
ra sinistra do inspector de policia La Ro-
che. Toinette, ao fitar o seu olhar duro e
severo, empallideceu ainda mais. La Ro-
che adcantou-se. Ella desceu dois degrãos.
Depois, deante de toda aquella gente, que
nada estava comprehendendo, disse, cr-
gundo a cabeça, com altivez:

— Com certeza vem prender o “Beija-flor”! Aqui estou eu!

La Roche adeantou-se e disse, alto para que todos bem ouvissem:

— Mademoiselle! O “Beija-flor” já não existe. Só existe Toinette, a quem a França perdoou. Toinette, que fez de um bando de apaches intrepidos defensores da Patria.

E um côro unisono de aclamações cobriu as palavras de La Roche, que disse ainda:

— Tenho uma outra missão a cumprir. O heroico Zizi, antes de morrer, fez um ultimo pedido: que entregassem a Toinette a sua cruz de ferro, gloriosamente

conquistada. O governo entregou-a a Toinette, com o direito de a usar.

E do vestido branco de Toinette pendeu desde essa hora a cruz de guerra da França.

O céu estava limpo. Tinham-se desfeito todas as nuvens. O sol da felicidade illuminava finalmente o caminho do destino de Toinette, em quem tinha morrido o travesso “Beija-flor”, para nascer uma esposa encantadora, que era a loucura do capitão Carey.

E os dois foram infinitamente felizes!

—:— FIM —:—

No proximo numero:

O coreunda de Notre Dame

Soberba super da Universal-Picture
com o eminente artista de “character”

LON CHANEY

Vago

Vago

Vago

Vago

A LUNETTA DE OURO

Artigos religiosos, imagens, paramentos, harmoniuns, olhos, pince-nez, binoculos, optica e livros religiosos

OFFICINA DE ESCULPTURA — Encarnação e concertos de imagens, batinas e vestes sacerdotaes

Balsemão & Cia.

84 — RUA DE S. JOSE' — 84

Telephone Central 4621 — Caixa Postal 1.598
End. Teleg. "AURELIO" — RIO DE JANEIRO

F. Marinho & C.

**Commissões, Consignações e
Conta Propria**

— RUA DE S. PEDRO, 88 —

— RIO DE JANEIRO —

EDUARDO ARAUJO & C.

CASA FUNDADA EM 1880

COMMISSARIOS DE CAFE'

— RUA MUNICIPAL, 28 —

Endereço Teleg.: ZASS — Rio

CAIXA POSTAL, 663

RIO DE JANEIRO

MOURA FONTES

AGENTE REPRESENTANTE DA

Agencia geral de livraria e de publicações

7 - RUE DE LILLE - 7

PARIS

RUA THEOPHILO OTTONI, 67

RIO DE JANEIRO

Telephone N. 7101 — End. Telg. AGLIBRAIRI
Stocks de todos os editores francezes scientificos e litterarios.

J. VELLOSO & C.

MADEIRAS E MATERIAES DE CONSTRUCCÃO

Escriptorio: 20, AVENIDA ALMIRANTE BARROSO, 20

(Antiga Rua Barão de S. Gançalo)

End. Teleg. "SALVADOR"

Telephone CENTRAL 496

Succursal: **RUA S. CLEMENTE, 33**

Telephone SUL 647

Serração de Madeiras

Serraria: **RUA SANTO CHRISTO, 144 e RUA DELTA, 19 e 21**

TELEPHONE NORTE 343

RIO DE JANEIRO

Banco Português do Continente e Ilhas

(CONSORCIO BANCARIO DOS AÇORES E MADEIRA)

Capital Esc. 50.000:000\$000

REPRESENTANTE NO BRASIL:

F. DE SIQUEIRA & Cia. Lda.

RUA DA QUITANDA N. 135

(Esquina de General Gamara)

CAIXA POSTAL N. 1831

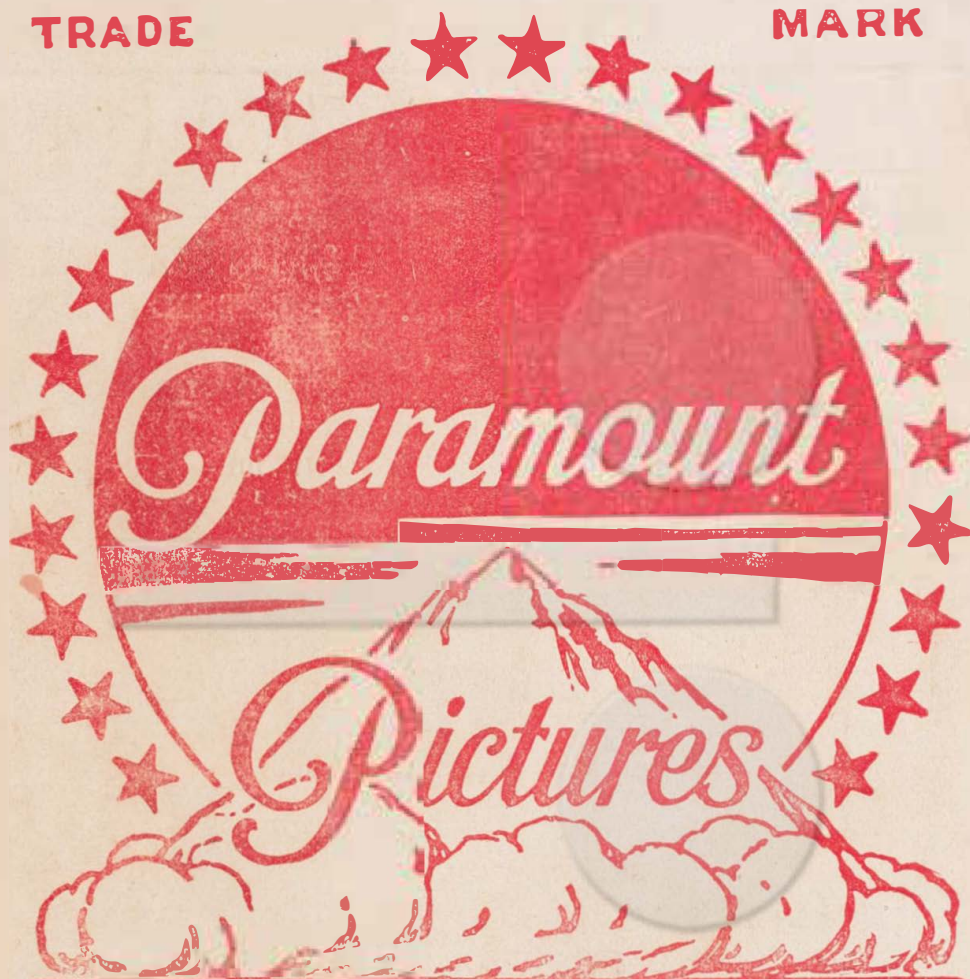
TELEPHONE N. 2528

Saques sobre todas as cidades e villas de Portugal e Ilhas dos Açores e Madeira

A soberana das marcas cinematographicas

TRADE

MARK



FAMOUS PLAYERS-LASKY CORP.

**ADOLPH ZUKOR — PRESIDENT
NEW YORK CITY**

***Quem exhibe Paramount
exhibe o que ha de melhor***